

UNIVERSIDADE FEEVALE

JOCIEL BEDIN MENEGAT

LIVRO DE INICIAÇÃO MUSICAL INFANTIL

Novo Hamburgo
2010

JOCIEL BEDIN MENEGAT

LIVRO DE INICIAÇÃO MUSICAL INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
à obtenção do grau de Bacharel em Design
pela Universidade Feevale

Orientador: Regina de Oliveira Heidrich

Novo Hamburgo
2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão do Curso de Design, com título Livro de iniciação musical infantil, submetido ao corpo docente da Universidade Feevale, com requisito necessário para obtenção de Grau de Bacharel em Design.

Aprovado por:

Regina de Oliveira Heidrich

Marshal Becon Lauzer

Luis André Ribas Werlang

Novo Hamburgo, 16 de maio de 2010.

Primeiramente agradeço a Deus pelas oportunidades que ele me concede e principalmente por estar aqui. Agradeço as pessoas que me ajudaram a acreditar que o esforço e a dedicação sempre valem a pena.

Também meus pais Simão e Margareth, por não medirem esforços para minha realização profissional. A minha namorada Ana Caroline, pela paciência, dedicação e companheirismo ao longo deste trabalho.

Agradeço minha família, amigos, professores em especial Regina Heidrich e a todos que me incentivaram a concluir meus objetivos e este trabalho com ética, responsabilidade e conhecimento.

RESUMO

A literatura e a música tem uma forte relação com o desenvolvimento da criança. Juntas elas podem ter papel fundamental na estimulação cognitiva infantil, trazendo muitos benefícios, entre eles, a estimulação auditiva, a criatividade, memória, inteligência e até mesmo formação de redes neurais com grande resiliência. Muitos são os aspectos que definem o aprendizado musical, porém, nesse trabalho teremos como foco a apreciação musical, que é um dos princípios básicos para criar um bom vínculo com a música. O trabalho fará uma investigação de como a apreciação musical tem se relacionado com os livros infantis, e ao fim, propor um livro de iniciação musical infantil, que contemple aspectos importantes para a musicalização infantil, sem esquecer do lúdico, a fim de incentivar a criança na literatura e na música.

Palavras-chave: livro, música, criança.

ABSTRACT

Literature and music have a strong relationship with the child's development. Together they can play a critical role in stimulating children's cognitive, bringing many benefits, including the auditory stimulation, creativity, memory, intelligence and even the formation of neural networks with great resilience. There are many things that define the musical learning, but this work will focus on musical appreciation, which is one of the basics to create a good bond with the music. The work will investigate how the appreciation of music has been linked with children's books, and finally, propose a book of children's musical debut, covering issues important to the music to children, without forgetting the playful, to encourage the child literature and music.

Keywords: book, music, child

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro O que fazem os peixes	45
Figura 2 - Páginas do livro O que fazem os peixes	46
Figura 3 - Capa do livro Recital real	47
Figura 4 - Páginas do livro Recital real	48
Figura 5 - Simulação de piano de cauda com o livro Recital real	49
Figura 6 – Capa do livro É hora de dormir Nemo	50
Figura 7 - Páginas do livro É hora de dormir Nemo	51
Figura 8 – Capa do livro Vamos dançar com os Backyardigans!	53
Figura 9 – Páginas do livro Vamos dançar com os Backyardigans!	53
Figura 10 – Capa do livro Guitarra Radical	55
Figura 11 – Páginas do livro Guitarra Radical	56
Figura 12 – Painel Semântico	59
Figura 13- Construção dos personagens	65
Figura 14 – Water marked page	66
Figura 15 - Exemplos de diagramação das páginas.....	68
Figura 16 – Construção dos módulos para diagramação do texto.....	68
Figura 17 – Exemplos de disposição do texto nas páginas.....	69
Figura 18 – Ilustração da página 1	72
Figura 19 – Ilustração da página 2	72
Figura 20 – Ilustração da página 3	72
Figura 21 – Ilustração da página 4	72
Figura 22 – Ilustração da página 5	73
Figura 23 – Ilustração da página 6	73
Figura 24 – Ilustração da página 7 e 8.....	73
Figura 25 – Ilustração da página 9 e 10.....	73
Figura 26 – Ilustração da página 11	74
Figura 27 – Ilustração da página 12	74
Figura 28 – Capa do livro Descobrimos os Sons	76
Figura 29 – Carenagem da placa para interação na página 11	77
Figura 30 – Detalhe da interação com o nome do leitor.....	78
Figura 31 – Detalhe da interação com a foto do leitor	78
Figura 32 - Detalhe diário dos sons	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PROPOSTA	11
1.1. PROBLEMATIZAÇÃO.....	11
1.1.1. Definição do problema	11
1.1.2. Objetivos.....	15
1.1.2.1. Requisitos	15
1.1.2.2. Restrições	15
1.2. JUSTIFICATIVA.....	16
1.3. METODOLOGIA/CRONOGRAMA	19
2. DESENVOLVIMENTO.....	20
2.1. APORTE TEÓRICO	20
2.1.1. O desenvolvimento infantil	21
2.1.2. Motivação no aprendizado musical	23
2.1.3. Etapas do desenvolvimento infantil.....	25
2.1.4. A música no desenvolvimento da criança	27
2.1.5. Ouvido musical.....	29
2.1.6. Apreciação musical.....	30
2.2. QUESTIONÁRIOS	34
2.2.1. Questionário infantil.....	34
2.2.2. Questionário dos pais	38
2.2.3. Conclusões dos questionários.....	42
2.3. ANÁLISE HISTÓRICA DOS SIMILARES	43
2.4. LEVANTAMENTO DE SIMILARES	44
2.4.1. O que fazem os peixes	45
2.4.1.1. Dados técnicos	46
2.4.1.2. Aceitação pelo público	47
2.4.2. Recital real.....	47
2.4.2.1. Dados técnicos.....	49
2.4.2.2. Aceitação pelo público	50

2.4.3. É hora de dormir Nemo	50
2.4.3.1. Dados técnicos	51
2.4.3.2. Aceitação pelo público	52
2.4.4. Vamos dançar com os Backyardigans!.....	52
2.4.4.1. Dados técnicos	54
2.4.4.2. Aceitação pelo público	54
2.4.5. Guitarra radical	55
2.4.5.1. Dados técnicos	56
2.4.5.2. Aceitação pelo público	57
3. O LIVRO.....	58
3.1. HISTÓRIA	59
3.1.1. Roteiro	60
3.2. CONSTRUINDO OS PERSONAGENS.....	64
3.3. WATER MARKED PAGE.....	65
3.4. TAMANHO DO LIVRO.....	66
3.5. DIAGRAMAÇÃO.....	71
3.6. TIPOGRAFIA	69
3.7. ILUSTRAÇÕES	71
3.8. MATERIAIS E ACABAMENTOS	74
3.8.1. Capa	75
3.8.2. Páginas internas	76
3.8.3. Equipamentos eletrônicos e carenagens	76
3.9. INTERAÇÕES	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
GLOSSÁRIO	88
ANEXOS	89

INTRODUÇÃO

Ao longo da história vemos que a criança nunca ocupou lugar de destaque na sociedade, como nos dias atuais. Hoje vários produtos são desenvolvidos para uso exclusivo do público infantil. Um desses segmentos que vem ganhando mercado é o de literatura infantil.

Brito (2003) destaca que a história tem uma importância inquestionável na vida das crianças. Ouvindo e depois contando, elas estimulam a capacidade inventiva, vivenciando com a linguagem oral, ampliando vocabulário, entonações expressivas, articulações, em resumo a musicalidade da fala.

Outro aspecto considerável para estimulação infantil é música. Maria de Lourdes Sekeff (apud SUGAHARA, 2008) confirma a importância da música, pois ela auxilia na percepção, estimula a memória e a inteligência, relacionando-se com habilidades linguísticas e lógicas matemáticas, o que ajuda a criança a se reconhecer e a se orientar melhor no mundo.

A literatura é uma forte aliada no ensino musical, pois, conforme Brito (2003), a história é um precioso recurso no processo de educação musical, uma vez que, fazer música é ouvir inventar e contar histórias. Contar histórias é exercitar a percepção e discriminação auditiva que apuram a sensibilidade e a escuta, além de estimular a imaginação e criatividade.

É sobre este assunto que se refere o contexto que trata este Trabalho de Conclusão, que tem como objetivo, estudar e entender a importância da música e da literatura no cenário infantil.

A metodologia proposta se desenvolverá através da avaliação dos estudos e resultará, junto com o livro de iniciação musical infantil, em uma base teórica de referência às pesquisas e elaboração de novos projetos na área de livros musicais infantis.

1. PROPOSTA

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

1.1.1. Definição do problema

Até por volta do século XII não havia uma representação de infância. Levando-se em consideração o alto índice de mortalidade da época, a criança que conseguia sobreviver era inserida na realidade dos adultos e sua idade não era fator determinante na criação de suas relações. O tamanho é o que os diferenciava dos adultos. Na idade média as etapas biológicas tinham menor importância que as funções sociais para determinar a idade da criança, se o sujeito brincava era criança, se estudasse era velho, é o que aponta Ariès (1978).

Nos dias atuais, não vivemos mais essa exclusão da infância, prova disso são os diferentes segmentos que apostam em produtos específicos para crianças. Um desses segmentos que vem se destacando no mundo infantil, é o editorial. As editoras apostam cada vez mais nesse novo público.

Tudo começou com o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho), no século XVII. Perrault, citado por Cademartori (1994), coletava contos e lendas da idade média e os adaptava, dando origem aos contos de fadas. Segundo Lajolo, “Apenas durante o classicismo Francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância...” (1999, p. 15). Fábulas, de La Fontaine (1694), As Aventuras de Telêmaco, de Fénelon (1717) e Contos da Mamãe Gansa, de Perrault (1697) são alguns exemplos da literatura infantil no classicismo francês. Na visão de Arroyo

“a importância de Perrault não é apenas de criador, mas também a de escritor que rompeu com o preconceito mantido em torno da cultura popular e em torno da criança.” (1968, p. 30).

A intenção de Perrault era captar contos populares e transformá-los em histórias moralizantes, que nada tem a ver com a classe que os gerou, mas com interesses pedagógicos burgueses. Cademartori comprova, “O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que correspondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia.” (1994, p. 36). A bela adormecida, retratava a vida na corte, Cinderela, à moda feminina e O barba azul, o mobiliário. São esse alguns exemplos.

A valorização do pudor e a cristianização são dois pontos mais vistos, segundo critérios da arte moral definidos pela contra-reforma. Segundo Cademartori:

“Na adaptação, a mulher de Barba Azul faz suas preces antes de morrer; na versão popular, ela se desnuda, dizendo adeus a cada peça de sua vestimenta, numa tentativa de seduzir, com a beleza de seu corpo, o iminente assassino. Outro caso mais significativo: enquanto, na adaptação, a Bela Adormecida desperta enquanto o príncipe a abraça, na versão popular, ela fazia amor e concebia gêmeos adormecida, sem consciência de nenhum dos dois fatos.” (1994, p. 41).

Já no século XIX, encontramos estórias, que ainda vivem em nosso meio. João e Maria, Branca de neve, Chapeuzinho vermelho, Pequeno polegar e Rapunzel, dos alemães irmãos Grimm, O patinho feio e Os trajes do imperador, do dinamarquês Christian Andersen, Pinóquio, do italiano Collodi, Alice no país das maravilhas, do inglês Lewis Carrol, O mágico de Oz, do americano Frank Baum e Peter Pan, do escocês James Barrie, enriquecem a literatura infantil com obras clássicas, constituindo os padrões da literatura infantil.

A afirmação da literatura infantil se deu no século XIX. Arroyo mostra que “nele nasceram aqueles livros marcantes que vêm desafiando o tempo.” (1968, p 31).

Como atesta Brito (2003), a história tem uma importância inquestionável na vida das crianças. Ouvindo e depois contando, elas estimulam a capacidade inventiva, vivenciando com a linguagem oral, ampliando vocabulário, entonações expressivas, articulações, em resumo a musicalidade da fala.

Brito (2003) ressalta que a história é um precioso recurso no processo de educação musical, uma vez que, fazer música é ouvir inventar e contar histórias. Para Brito (2003)

contar histórias é exercitar a percepção e discriminação auditiva que apuram a sensibilidade e a escuta, além de estimular a imaginação e criatividade.

“A música é, por excelência, a arte dos sons e o ouvido, o sentido que percebe os sons. O ouvido, no entanto, não é só um órgão que capta, registra, mas um órgão que analisa, isto é, diferencia e identifica.” (MÁRSICO, 2003 p. 25)

Variados autores defendem a idéia de que a música é fundamental para o desenvolvimento infantil. Entre eles podemos citar Gainza (apud MÁRSICO, 1982, p. 36). A autora enfatiza a importância de se ter contato com a música o mais cedo possível. A primeira infância segundo ela é a mais indicada para a recepção e devolução de sons, devido à espontaneidade da resposta musical, característica das crianças. O problema do retardo do contato com a música é a possível fixação de uma conduta receptiva, ocasionando dificuldades em dar respostas musicais.

Porém devemos levar em consideração que forçar a criança é uma atitude que poderá ter um efeito oposto ao esperado, causando traumas e entraves sobre elas. Conforme Howard (1984), vemos a inútil atitude dos adultos, fazendo com que as crianças exercitem e toquem de uma maneira musical e tecnicamente adequada. “Os adultos incapazes de ajudar as crianças a se desembaraçarem de seus “entraves”, facilmente as acusam da insuficiência congênita em determinada atividade”. (HOWARD, 1984, p. 55)

Ainda vemos que Becker e Marques (apud PECKER, 2009, p. 31), ressaltam que “afirmar que a criança é capaz de aprender qualquer coisa em qualquer idade é um mito que realimenta o verbalismo que tanto mal tem causado a aprendizagem escolar”. Com essa afirmação vemos a importância do conhecimento do desenvolvimento musical da criança em cada momento.

Entretanto, segundo Abbadie e Gillie (apud MÁRSICO, 2003), constatam que nos dias de hoje as possibilidades de desenvolvimento auditivo estão cada vez mais remotas. Fator que se dá através do predomínio do visual, da imagem ao invés do auditivo e do som, principalmente para as crianças que já nascem se deparando com televisão, computador, internet, exemplos esses que solicitam muito mais das imagens do que dos sons. Não bastasse isso, somamos esses fatores ao uso não moderado de ruídos. A presença desses ruídos, conforme Mársico (2003), representam um perigo para crianças pequenas, uma vez que elas não tem capacidade para aprender tudo, são levadas a escolhas e isso acontece geralmente em função do elemento sonoro.

Analisando o desenvolvimento auditivo na visão musical, devemos considerar que o processo de percepção da música é bastante complexo e não se caracteriza apenas uma “adição de percepções justapostas” (MÁRSICO, 2003 p. 28), mas sim de uma experiência e da cultura musical. “O desenvolvimento do ouvido parece impor-se como condição e base essencial da musicalidade.” (MÁRSICO, 2003 p. 28)

Segundo Mársico (2003), mostra que o ouvido seleciona as sensações sonoras e converte em música. Essa seleção é feita pela mente, entretanto, para que a música se produza, exige um órgão para captação, porém, essa captação necessita de orientação, só assim haverá uma compreensão da mensagem sonora.

Na intenção de interar a criança com os livros, desenvolver o gosto pela música de uma forma motivadora, além de, participar ativamente no desenvolvimento da criança, é necessário explorar outros métodos da interação na literatura infantil. Condições que proporcionem a criança aprender de uma forma divertida e espontânea, afim de, evitar traumas e bloqueios.

Para o desenvolvimento do livro é necessário pensar nos interesses infantis, de acordo com a faixa etária a ser trabalhada, trazendo, o livro, o mais próximo da realidade da criança, abordando temáticas que desenvolvam suas aptidões musicais, com interações que lhes instiguem e motivem o aprendizado.

1.1.2. Objetivos

Desenvolver um livro infantil para proporcionar a criança um contato lúdico com a música visando o estudo de diagramação, materiais, fontes e ilustração tornando o livro atrativo para esse público.

1.1.2.1. Requisitos

- Desenvolver um livro infantil que oportunize a criança, um contato divertido com a música;
- Trazer o conteúdo do livro o mais próximo possível da realidade infantil;
- Desenvolver a apreciação musical da criança;
- Proporcionar um aprendizado espontâneo, respeitando o tempo da criança;
- Abordar o tema com uma linguagem pertinente a faixa etária escolhida.
- Equiparar o custo com os demais livros do mercado.

1.1.2.2. Restrições

- Intempéries;
- Vandalismo.

1.2. JUSTIFICATIVA

Tanto as histórias, quanto a música tem o poder de desenvolver vários aspectos cognitivos na criança. As histórias tem poder de desenvolver também um poder crítico, dando um potencial de pensamento, de duvidar, se perguntar e questionar. É o que Abramovich (2005, p. 143), nos traz sobre o desenvolvimento da criança. A música ajuda a desenvolver a criatividade, memória, inteligência e até mesmo na formação de redes neurais.

A educadora Elvira Souza Lima (apud SUGAHARA, 2008), com formação em psicologia, antropologia, linguística e neurociências e estudiosa do desenvolvimento humano, ressalta a importância da música nas séries iniciais. Sua afirmação é justificada, em uma comparação ao aprendizado de uma língua estrangeira, que deve ser iniciada na faixa etária correspondente a educação infantil, pois é quando ocorre o desenvolvimento da linguagem. Ela explica: “...a experiência musical leva a formação de redes neurais que têm grande resiliência¹ e que, conforme se sabe hoje, atuam como suporte para o desenvolvimento e exercício do pensamento matemático e da física, em idades posteriores”. (LIMA, apud SUGAHARA, 2008; p. 24)

Maria de Lourdes Sekeff (apud SUGAHARA, 2008), pesquisadora de música e professora da UNESP, confirma idéias de Lima. Sustenta a importância da música pois auxilia na percepção, estimula a memória e a inteligência, relacionando-se com habilidades linguísticas e lógico matemáticas, o que ajuda a criança a se reconhecer e a se orientar melhor no mundo.

Perante fatos tão importantes a senadora Roseana Sarney juntamente com a mobilização do Grupo de Articulação Parlamentar Pró-Música (GAP), grupo esse formado por 86 entidades, entre elas universidades, associações e cooperativas, propõem o retorno da inclusão musical no currículo escolar. No dia 18 de agosto de 2008, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a lei nº 11.769, extinta na década de 70, passou a valer para o ensino fundamental e médio de todas as escolas brasileiras. Essas instituições terão um prazo de 3 anos para adaptar em seu currículo, essa temática.

A lei altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) que determina o

¹ Trabalho necessário para deformar um corpo até seu limite elástico. Ato de retorno de mola; elasticidade.

aprendizado de arte, mas não especifica o conteúdo.

Essa lei não tem como objetivo formar músicos, mas trabalhar para melhorar o desenvolvimento motor, da sensibilidade, criatividade entre outros benefícios dessa arte. "O objetivo não é formar músicos, mas desenvolver a criatividade, a sensibilidade e a integração dos alunos", diz Clélia Craveiro, presidente da **Câmara de Educação Básica do CNE** (Conselho Nacional de Educação).

A música retorna ao currículo, porém sofre algumas alterações como mostra Clélia Craveiro:

"Antigamente, Música era uma disciplina. Hoje não. Ela é apenas uma das linguagens da disciplina chamada Artes, que pode englobar ainda Artes Plásticas e Cênicas. Trabalharemos com uma equipe multidisciplinar e, nela, teremos um professor de Música. E cada escola terá autonomia para decidir como incluir esse conteúdo de acordo com seu projeto político-pedagógico".

Sonia Regina Albano de Lima, diretora regional da Associação Brasileira de Ensino Musical, (ABEM) e diretora dos cursos de graduação e pós-graduação lato sensu em Música e Educação Musical da FMCG (Faculdade de Música Carlos Gomes) explica:

"A música contribui para a formação integral do indivíduo, reverencia os valores culturais, difunde o senso estético, promove a sociabilidade e a expressividade, introduz o sentido de parceria e cooperação, e auxilia o desenvolvimento motor, pois trabalha com a sincronia de movimentos".

O trabalho com música desenvolve as habilidades físico-cinestésica, espacial, lógico-matemática, verbal e musical. "Ao entrar em contato com a música, zonas importantes do corpo físico e psíquico são acionadas - os sentidos, as emoções e a própria mente. Por meio da música, a criança expressa emoções que não consegue expressar com palavras", completa.

Por recomendações do MEC, além das noções básicas de música, dos cantos cívicos nacionais e dos sons de instrumentos de orquestra, os alunos aprenderão cantos, ritmos, danças e sons de instrumentos regionais e folclóricos para, ajudar no conhecimento da diversidade cultural do Brasil.

Exemplo dessa prática temos as escolas da rede municipal de Franca, onde o Projeto de Educação Musical já existe desde 1994, ou seja, muito antes da lei nº 11.769 entrar em vigor. As crianças vivenciam a prática musical não só ouvindo música, mas produzindo

pequenos arranjos e tocando instrumentos como a flauta doce e alguns de percussão. A música também é integrada por meio de trabalhos corporais que desenvolvem a atenção e a coordenação motora. "Não queremos formar músicos, mas desenvolver a criticidade para não aceitar tudo o que a mídia impõe, conhecer as raízes da música brasileira, despertar o gosto pela música, preservar nosso patrimônio musical e aumentar o repertório musical nacional e internacional", conta *Lisiane Bassi*, coordenadora do programa de Educação Musical de Franca.

Muitos são os benefícios que a música e a literatura trazem ao desenvolvimento infantil. Porém não só traz benefícios para a criança, mas também para a sociedade. Promover a educação das crianças é a base fundamental para um futuro país desenvolvido. Em um ditado, Pitágoras define bem a importância da educação infantil: "Eduque as crianças e não será necessário castigar aos homens".

1.3.METODOLOGIA/CRONOGRAMA

A metodologia do trabalho será desenvolvida em uma pesquisa de base qualitativa, pesquisa ação (THIOLLENT, 2006), pois será trabalhado diretamente com as crianças. A metodologia do projeto será baseada em Munari (1997), com ênfase em design gráfico. A metodologia científica será baseada em Prodanov (2009).

O cronograma será dividido em duas partes, a primeira desenvolvida na disciplina de Trabalho de Conclusão I, caracteriza-se principalmente no estudo das teorias da literatura infantil e desenvolvimento musical infantil. A segunda etapa, desenvolvida na disciplina de Trabalho de Conclusão II, consiste na elaboração do livro, textos e ilustrações. O programa e o cronograma de trabalho estão expostos a seguir:

Tabela 1 – Cronograma TCC 1 e 2

ATIVIDADES	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
Trabalho de Conclusão I (Primeira parte)											
Definição do Tema		x									
Entrega do Plano de Trabalho			x								
Pesquisa da história da infância e literatura infantil			x								
Pesquisa dos interesses e objetivos infantis				x							
Estudo da importância da música na infância					X						
Entrega do Relatório						x					
Apresentação Banca						x					
Trabalho de Conclusão II (Segunda parte)											
Pesquisa de Similares							x				
Pesquisa de Materiais							x				
Estudo de diagramação e fontes								x			
Criação das Ilustrações									x		
Elaboração da capa										x	
Entrega do Relatório											X
Apresentação Banca											X

Fonte: autor (2010)

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. APORTE TEÓRICO

2.1.1. O desenvolvimento infantil

A criança até atingir a idade adulta, passará por diversos níveis de pensamento, característicos a suas fases. Conforme a fase em que se encontra, terá diferentes formas de resolver seus problemas. Isso significa que dependendo o estágio do indivíduo, ele escolherá a forma mais evoluída para compreender algo. A divisão é feita por Piaget (apud PECKER, 2009), no qual define quatro grandes períodos, estágio sensório-motor, estágio pré-operatório, estágio operatório concreto e estágio operatório formal.

O primeiro estágio compreende crianças do nascimento até por volta de um ano e meio de idade. Conforme Kesselring (apud PECKER, 2009), as crianças usam seus movimentos físicos para dirigir as sensações ao seu redor. A coordenação dos espaços auditivos, visual e tátil, dão a ela a possibilidade de construir para si os objetos de seu interesse. Nesta fase o bebê resolverá “um conjunto de problemas de ação (alcançar objetos afastados, escondidos, etc.), construindo um sistema complexo de esquemas de assimilação, e de organizar o real de acordo com um conjunto de estruturas espaço-temporais e causais” (apud PECKER, 2009). Juntamente com essas descobertas, a criança começa a conquistar mentalmente seu próprio corpo, dominando os braços, as pernas e os músculos para poder, voluntariamente, influenciar eventos segundo sua própria vontade.

Em relação ao desenvolvimento musical, Beyer (apud PECKER, 2009), afirma que durante os dois primeiros anos da criança e no período intra-uterino, se forma uma série de elementos básicos fundamentais para construções musicais posteriores. É constatado que durante a gravidez o feto começa a ouvir, uma vez que os órgãos dos sentidos e a percepção auditiva. Beyer (apud PECKER, 2009) constatou, através de um estudo de caso, que as aquisições no campo da fala até a idade de dezessete meses são muito genéricas. Segundo ela, somente depois dessa idade que, propriamente inicia o desenvolvimento melódico musical. Ainda nessa fase, a criança pode produzir sons sacudindo objetos, controlando progressivamente sua força, se embalar ao som de uma música e emitir explorações vocais, balbucios e ruídos. É necessário um período de dois anos para a criança modificar suas condutas musicais, até chegar ao domínio da função simbólica, permitindo a criança capacidades de representações mentais para lembrar-se de objetos ausentes ou lembrar-se de trechos musicais.

A segunda etapa que Piaget (apud PECKER, 2009) descreve, refere-se a crianças de dois a sete anos e é caracterizada como período do pensamento pré-operatório. Nessa etapa a criança começa a aquisição da linguagem, em um patamar maior em relação a da prática. É nessa fase que a criança é capaz de comunicar-se e refletir sobre suas próprias ações.

Após adentrar esse segundo estágio, a quantidade de palavras do repertório torna-se incontável. Esse é um indício de que a função representativa está tomando conta do pensamento da criança. Somente muita imitação a criança passa a construir relações que unem o significado do objeto a sua representação em palavras. Em relação a aulas de música a criança passa a escolher a música e brincar com melodias trocando suas letras e atendendo as demandas do adulto quando esse propõe alguma atividade musical.

O que diferencia as duas etapas é a capacidade de representar a realidade através das imagens mentais. Assim, dos dois aos cinco anos, primeira etapa do período pré-operatório, inicia a representação mental das ações. Nessa fase as crianças não tem intenção de comparar suas invenções sonoras com outras, mas já criam formas de se adaptar as canções ouvidas. Assim inventam estruturas com trechos de músicas diferentes, procurando imitar os gestos percebidos visualmente.

As crianças, ao longo dos diferentes estágios do desenvolvimento intelectual, criam representações do mundo. “Para julgar a lógica das crianças, basta com frequência discutir com elas e observá-las entre si” (PIAGET apud PECKER, 2009, p. 28)

O exame clínico de Piaget (apud PECKER, 2009), categoriza os cinco tipos mais comuns de reações em crianças pequenas. São elas, a fabulação, o não-importismo, a crença sugerida, a crença desencadeada e a crença espontânea. Cada reação é fruto dos quadros assimiladores e tem origem no interior de cada indivíduo. Com exceção de quando a criança é induzida e apenas executa o que é sugerido.

“A questão da fabulação é uma das mais delicadas que o estudo clínico das crianças revela” (PIAGET apud PECKER, 2009, p. 29). A fabulação consiste em criar soluções quando não podem encontrar sugestão melhor. Essas respostas são criadas com intuito de agradar a si próprias, para se divertirem e evitar refletir sobre perguntas que podem ser cansativas para ela. As fabulações contêm resíduos de crenças construídas e raramente a criança constrói nova crença.

Já o não-importismo, está na pobreza da resposta que a criança dá em relação às suas fabulações. Seu maior objetivo é livrar-se do problema, inventando qualquer resposta que lhe venha à cabeça. Utiliza também argumentos do que ouviu ou já sabe, mas não demonstra esforço para fazer o que é proposto e apresenta sentimento de tédio durante o confronto.

As crenças sugeridas, espontâneas, são cruciais para a compreensão do pensamento da criança. Demonstra interesse em responder às indagações do pesquisador, tendo como meta agradá-lo, por isso lançara histórias que já conhece, sem fazer reflexão sobre o assunto e irá se valer, inclusive, de sugestões dadas pelo pesquisador que a induz sem querer.

A crença espontânea, por sua vez, caracteriza-se por algo que a criança já sabe. “Ela não precisará raciocinar para responder à pergunta, mas pode dar uma resposta pronta, porque já formulada ou formulável” (PIAGET apud PECKER, 2009; P. 30).

A crença desencadeada acontece quando a criança responde com reflexão, extraindo do seu consciente a resposta, sem sugestão e a pergunta é nova. Apesar de ser fruto da imaginação ela só acontece, pois o entrevistador problematiza a situação. É a partir dessa reação que Piaget constrói para investigar o pensamento da criança, conhecida como método clínico.

A sutileza do método aparece quando pensamos qual atividade deve ser apresentada, para qual criança, e qual expectativa se deve ter sobre os resultados. Sua reação é muito útil para compreender seus esforços e ferramentas para conhecer o mundo que a cerca, através dos sentidos e movimentos. Essas ferramentas se modificarão durante toda a vida a fim de adaptar-se

às novas possibilidades, conectando a mecanismos que levarão essa criança a aprender a ler, fazer contas e utilizar equipamentos eletrônicos, futuramente.

2.1.2. Motivação no aprendizado musical

Segundo Ghazali (apud VILELA, 2009), a motivação para aprender música é determinada por dois fatores, interno e externo. Os fatores internos buscam o conhecimento da relação do estudante com a música, seus interesses no estudo da música, o efeito que a música tem sobre sua autoestima e a relação entre a autoeficácia musical e resultados de avaliações musicais. Já os fatores externos, investigam aspectos do contexto escolar, familiar entre outros. Ainda podemos citar aspectos ligados ao social, como por exemplo, etnia e gênero.

Ghazali (apud VILELA, 2009), mostra que desenvolvendo um interesse pessoal pela música, faz com que o estudante demonstre mais empenho pelo aprendizado musical. Mas em contra partida, não há provas de que estudar música na infância possa trazer bons resultados, ou competência no futuro. Temos que levar em consideração que os fatores externos também influenciam no bem sucedimento do jovem músico. Exemplo disso são as oportunidades e encorajamento familiar, tendo a opinião dos pais grande peso nas decisões.

A cultura tem um importante papel no interesse pela música. Podemos observar, nos estudos de Ghazali (apud VILELA, 2009), que indianos e chineses, etnias presentes na Malásia, buscam estudar música pelo interesse de mostrar ao seu par, um status social mais elevado e que estão engajados em meio mais cultural.

Uma peça chave na motivação infantil são os pais. Muitas vezes, eles não têm a noção que seu incentivo musical tem grande valor para a criança e que se realmente há essa vontade ela irá desenvolver esse interesse naturalmente. Porém Ghazali (apud VILELA, 2009) mostra que cada vez mais os pais têm um papel fundamental no aprendizado musical, principalmente nos primeiros estágios da aprendizagem. É fundamental o incentivo de que estudar música é importante para criar um hábito de estudo musical.

Outra peça fundamental no aprendizado da música é o professor, por exercer uma forte influência sobre o aprendizado do aluno. Pesquisas demonstram que a motivação do professor, suas abordagens e estratégias, são fortes fatores determinantes na aprendizagem (GHAZALI, apud VILELA, 2009).

Em Howard (1984), vemos também a importância do professor, e dependendo da forma que aborda seus educandos, pode gerar satisfação à criança, ou até mesmo “entraves”.

“É comum encontrar crianças que cantam afinado e têm um senso exato de ritmo. No entanto, desde o momento em que se ensina a tocar um instrumento, essas faculdades de ajustamento de entonação e exatidão rítmica desaparecem completamente.[...] é inacreditável até que ponto, diante desses fenômenos, a maior parte dos educadores tende a esquecer que a criança lhes foi confiada cantava, no entanto, afinado e no tempo; logo falam dela como carente de dons musicais. No entanto, a pretensa “falta de dons”, tanto nas crianças como nos adultos, é simplesmente a dificuldade de se familiarizarem com as condições do jogo instrumental, as atitudes, os gestos, os movimentos de que eles necessitam. É essa dificuldade, a obsessão que ela suscita, os esforços que provoca, que obscurecem os dons para música.” (Howard, 1984, p.56).

Em resumo, a maior parte das crianças não despertam para a música antes de terem se habituado com a técnica da ferramenta e tendo dominado os movimentos corporais. Conforme Howard (1984), vemos a inútil atitude dos adultos, fazendo com que as crianças exercitem e toquem de uma maneira musical e tecnicamente adequada. Essa atitude poderá ter um efeito oposto ao esperado, causando traumas e entraves sobre elas. “Os adultos incapazes de ajudar as crianças a se desembaraçarem de seus “entraves”, facilmente as acusam da insuficiência congênita em determinada atividade”. (HOWARD, 1984, p. 55)

O trabalho que se deve ter em relação ao aprendizado musical infantil, deve ser naturalmente dado, afinando simplesmente sua sensibilidade, promovendo o despertar dos interesses infantis. Apenas dessa forma veremos um avanço no desenvolvimento musical das crianças.

“O que profundamente interessa à criança é o que ela faz e o que sabe fazer. Exigimos da criança que não sabe fazê-lo, o hábito de tocar a tempo: é o meio mais seguro de destruir-lhe para sempre a possibilidade de aplicar aos exercícios sua própria necessidade profunda de um compasso justo, de um ritmo exato”. (Howard, 1984, p. 57)

2.1.3. Etapas do desenvolvimento musical infantil

A um consenso, entre psicólogos, que crianças expostas a um ambiente auditivo e musical durante os primeiros meses de vida, desenvolvem-se mais rápido que crianças que não tem essa oportunidade. “Bronfenbrenner (apud LOWENFELD, p.118) atesta que as crianças criadas numa atmosfera sem estímulo, sem atrativos, e ainda com carência afetiva não se desenvolvem normalmente em todas as fases do seu crescimento.” (Mársico, 1982, p.30)

Conforme Mársico (1982), do nascimento aos 2 anos, as crianças estão enquadradas na primeira etapa. De acordo com Gesell (apud MÁRSICO, 1982, p.30), a criança aos 18 meses já tem capacidade para cantar empregando sílabas, fica atenta a certos sons, como por exemplo campainhas, apitos, relógios) reagindo ritmicamente como atividade corporal total. Por essa razão essa fase é classificada como vocal, rítmico e auditivo.

Para Gorini (apud MÁRSICO, 1982, p. 35), todos os movimentos das crianças, desde o nascimento, são acompanhados de expressões sonoras. As crianças cantam espontaneamente desde que começam a experimentar a voz, criando às vezes melodias livres. Entretanto o ambiente familiar e sócio-escolar, muitas vezes, pode produzir inibições na criança, tirando sua alegria de cantar.

“O canto, como expressão do dinamismo sonoro livre e como reflexo de elementos afetivos, é acessível à criança antes da palavra. A memória rítmica (de natureza motriz) e a memória do som (de natureza sensorial e afetiva) precedem normalmente à memória semântica das palavras (de natureza mental). Por isso muitas crianças podem cantar antes de falar” (WILLEMS, apud MÁRSICO, 1982, p. 35)

A exploração do mundo, feitas pelas crianças, se dá pelos sentidos. São através deles que elas percebem o mundo, o próprio corpo, suas habilidades motoras, adquirem linguagem e absorvem informações úteis para expressão e comunicação posteriormente.

Conforme Mársico (1982), a segunda etapa caracteriza-se por crianças com idades entre os 3 aos 6 anos. Nessa etapa a criança apresenta desenvolvimento limitado da linguagem e da fala. A partir dos cinco anos a criança já possui um bom vocabulário e algumas dificuldades de articulação estão superadas, nos diz Gesell (Apud MÁRSICO, 1982, p36). É nessa fase que a criança tem necessidade de atividades físicas, em virtude dos músculos

maiores estarem mais desenvolvidos que os menores. É dever ressaltar que nessa idade a atenção é a principio, curta. A criança se fixará na atividade que lhe interessar. Já aos seis anos é capaz de uma maior concentração. Nessa fase, mostra Mársico (1982), principalmente aos 5 e 6 anos, a criança se mostra ansiosa para aprender e saber como são feitas as coisas, dentro de suas possibilidades. O aprendizado é feito através da manipulação de objetos e experiências reais. Segundo Gesell (apud MÁRSICO, 1982, p. 37), aos seis anos a criança gosta de tocar, manipular, explorar materiais. Até os 7 anos a criança é pré-lógica, pois substitui a lógica pela intuição.

O ensino musical deve respeitar essas características específicas, trabalhando períodos curtos e frequentes, 20 minutos diários é o ideal segundo Mársico (1982), tendo como base o aprendizado de canções, além de estimular o senso rítmico e o ouvido musical.

Mársico (1982, p. 38) afirma que:

“as canções têm uma função fundamental nessa etapa, não só por constituírem uma atividade sintética que reúne os elementos fundamentais e expressivos da música – melodia, ritmo, forma, harmonia (quando sugere acordes e faz pressentir as funções totais) tempo e dinâmica, mas por possibilitarem unir a música à ação (marchas, movimentos de balanço, saltos, etc.)”

Um grande e comum erro é quando os pais ou responsáveis desejam dar educação musical e buscam logo professor de instrumento. “A música e o instrumento são para eles uma única e mesma coisa. Os próprios professores de música fazem muitas vezes essa confusão porque ignoram que a educação musical deve começar antes da prática de qualquer instrumento”. (WILLEMS, apud MÁRSICO, 1982, p. 39)

Mársico (1982), diz que podemos fazer uma alusão ao jardim de infância. Da mesma forma que o jardim de infância prepara adequadamente a criança para o ensino fundamental a educação musical deve ter esse cuidado. Antes de se aprender um instrumento deve-se trabalhar na criança o senso do ritmo musical, a audição, através de práticas de cantos coletivos. Willems (apud MÁRSICO, 1982) reforça que “a musicalidade que se desenvolve na criança confunde-se com o desenvolvimento do ouvido porque a audição é uma das bases essenciais da musicalidade”.

Não necessariamente quando falamos de música, precisamos mencionar tocar instrumentos musicais ou cantar. Snyders (apud MÁRSICO, 1982) afirma que “os métodos

modernos da pedagogia musical estão absolutamente corretos ao propor atividades de escuta ativa”, isso significa que podemos trabalhar música de diferentes formas. A intenção é despertar uma escuta ativa, o que desenvolve, ao mesmo tempo, a atividade e a emoção. Segundo Snyders (apud MÁRSICO, 1982) “...os alunos estão muito mais habituados ao verbal do que à música, uma das formas de atividade passará pela palavra...”, ou seja, o professor pode levá-los a discutirem, por exemplo, o papel da música no cinema e TV. Posteriormente isso levará a falarem sobre seus gostos musicais, como sentem a música, propriamente a música que a escola propõe. Outras atividades que podem ser agregadas, conforme Snyders (apud MÁRSICO, 1982), são atividades gestuais, como por exemplo a mímica, fazendo os alunos distinguirem, reconhecerem e reproduzirem relações de altura, de duração e de ritmo entre sons.

2.1.4. A música no desenvolvimento da criança

Marquetti (apud SUGAHARA, 2008), investigou os efeitos causados pela música de fundo, em crianças com idades entre cinco e seis anos, durante o recreio e sala de aula. Considerando as categorias de movimentação individual, ou seja, manipulação de objetos e deslocamentos físicos, movimentação dirigida socialmente, padrões verbais e não verbais, a ritmicidade referentes à movimentação individual, que consiste em movimentos rítmicos e movimentos não rítmicos e, por fim, estudou os eventos interativos do sujeito, caracterizado, pelo olhar prévio e contato.

Os resultados revelam que o estímulo musical leva um aumento na ocorrência de movimentos rítmicos de dançar e reger, analisando a situação no recreio. Já em sala de aula, as meninas apresentam resultados superiores se tratando de movimentos rítmicos. Em conclusão, a pesquisadora, revela que a música aumenta os eventos de interatividade entre as crianças, reduzindo o número de conflitos, sugerindo investigações que contribuam para um melhor aproveitamento do potencial da música para a pré-escola.

Cunha (apud SUGAHARA, 2008), pesquisou a influência de jogos musicais de crianças com faixa etária entre cinco e seis anos que sofreram repreensões diárias por apresentarem comportamentos perturbadores, que não se adaptam ao ambiente pré-escolar,

após primeiro semestre. Entre os comportamentos perturbadores estavam, agressões físicas, ou morais ao serem contrariados, choro durante as atividades e não realização ou não conclusão de tarefas.

Após participação de 15 seções grupais, variando os tipos de jogos e dinâmicas musicais no espaço escolar, apresenta-se como resultado a melhoria nos comportamentos sociais e de interesse em sala de aula. A conclusão chegada é que os jogos musicais facilitam a interação de pares e aumentam a motivação dos alunos tornando o ambiente escolar mais prazeroso.

A educadora Elvira Souza Lima (apud SUGAHARA, 2008), com formação em psicologia, antropologia, linguística e neurociências e estudiosa do desenvolvimento humano, ressalta a importância da música nas séries iniciais. Sua afirmação é justificada, em uma comparação ao aprendizado de uma língua estrangeira, que deve ser iniciada na faixa etária correspondente a educação infantil, pois é quando ocorre o desenvolvimento da linguagem. Ela explica: “...a experiência musical leva a formação de redes neurais que têm grande resiliência e que, conforme se sabe hoje, atuam como suporte para o desenvolvimento e exercício do pensamento matemático e da física, em idades posteriores”. (LIMA, apud SUGAHARA, 2008; p. 24)

Maria de Lourdes Sekeff (apud SUGAHARA, 2008), pesquisadora de música e professora da UNESP, confirma idéias de Lima. Sustenta a importância da música pois auxilia na percepção e estimula a memória e a inteligência, relacionando-se com habilidades linguísticas e lógico matemáticas, o que ajuda a criança a se reconhecer e a se orientar melhor no mundo.

“Música não é somente um recurso de combinação e exploração de ruídos, sons e silêncio, em busca do chamado gozo estético. Ela é também um recurso de expressão, de sentimentos, idéias, valores, cultura, ideologia, um recurso de comunicação, do indivíduo consigo mesmo e no meio que circula, de gratificação psíquica, emocional, artística, de mobilização física, motora, afetiva, intelectual e auto-realização, o indivíduo com aptidões artístico-musicais mais cedo ou mais tarde direciona-se nesse sentido, seja criando, compondo, improvisando, re-criando, interpretando, tocando, cantando, ‘construindo’ uma nova parição, ou simplesmente apreciando, vivenciando o prazer da escuta”. (SEKEFF, apud SUGAHARA, 2008; p. 25)

2.1.5. Ouvido musical

“O estudo da música se inicia pelo estudo do som. E jamais se afasta dele. O som é matéria prima. O estudo do som envolve seus aspectos físicos. Som é vibração, é movimento. Ele se transmite em meio ao ar e a água. Os seres vivos humanos e não humanos – aprendem essa vibração pelo ouvido. A escuta depende do aparato auditivo e difere entre as diferentes espécies animais”. (Fonterrada, 2004, P.5.).

Levando em consideração o material sonoro aplicado na música moderna, Mársico (2003), admite perceber ruídos e sons organizados em músicas e palavras. Podemos citar como exemplo de ruídos as diferentes manifestações da natureza, pessoas, animais ou até mesmo de objetos agitados, mas por outro lado o ruído assume uma significação à medida que se tornam compreensíveis para quem ouve ou num contexto musical.

Entretanto, segundo Abbadie e Gillie (apud MÁRSICO, 2003), constatam que nos dias de hoje as possibilidades de desenvolvimento auditivo estão cada vez mais remotas. Fator que se dá através do predomínio do visual, da imagem ao invés do auditivo e do som, principalmente para as crianças que já nascem se deparando com televisão, computador, internet, exemplos esses que solicitam muito mais das imagens do que dos sons. Não bastasse isso, somamos esses fatores ao uso não moderado de ruídos. A presença desses ruídos, conforme Mársico (2003), representam um perigo para crianças pequenas, uma vez que elas não tem capacidade para aprender tudo, são levadas a escolhas e isso acontece geralmente em função do elemento sonoro.

Devemos considerar também que tanto na família como na escola, a educação auditiva não tem o lugar e a atenção merecida. Mársico (2003), afirma que muitas vezes há uma preocupação acentuada no desenvolvimento do equipamento sensorial da criança, mas devido a falhas na formação docente ou até no planejamento do ensino, os exercícios, a sistematização e equilíbrio necessários apresentam-se em experiências isoladas as experiências vividas no mundo com seus interesses. Abbadie e Gillie (apud MÁRSICO, 2003, p. 27) acentuam a importância do desenvolvimento do equipamento sensorial da criança, afirmando que “...a educação auditiva vai muito além da aquisição de uma simples virtuosidade sensorial: é um poderoso meio de conhecimento posto pela natureza à disposição do indivíduo”.

Podemos analisar o problema, com uma visão musical, considerando que o processo de percepção da música é bastante complexo e não se caracteriza apenas uma “adição de percepções justapostas” (MÁRSICO, 2003 p. 28), mas sim de uma experiência e da cultura musical. “O desenvolvimento do ouvido parece impor-se como condição e base essencial da musicalidade.” (MÁRSICO, 2003 p. 28)

Segundo Mársico (2003), mostra que o ouvido seleciona as sensações sonoras e converte em música. Essa seleção é feita pela mente, entretanto, para que a música se produza, exige um órgão para captação, porém, essa captação necessita de orientação, só assim haverá uma compreensão da mensagem sonora.

A autora destaca também, que o ouvido musical é classificado em três níveis, percepção sensorial, percepção rítmico-melódica e percepção harmônica e polifônica.

O primeiro nível consiste em desenvolver o órgão auditivo e prepará-lo para receber os sons e levar as crianças a uma reação sensorial aos sons presentes em seu mundo, afastando obstáculos que possam impedir essa recepção, como vemos na citação de Willems (apud MÁRSICO, 2003 p. 34) “aprender a ouvir é aprender a receber impressões sonoras”. Mársico (2003) complementa, “não basta, pois, ter um órgão sadio; é preciso que ele seja capaz de receber com fidelidade e nitidez os estímulos sonoros exteriores.

O nível seguinte trabalha a estimulação da percepção dos “desenhos rítmicos e rítmicos melódicos” presentes em canções ou frases musicais e reproduzi-los. O terceiro nível trata do desenvolvimento da atividade perceptiva da criança, permitindo a exploração do campo sonoro composição harmônica ou polifônica.

2.1.6. Apreciação musical

Muitos autores, professores e teóricos da área musical, afirmam que as atividades musicais devem ser distribuídas em três partes, execução, criação e apreciação. O chamado tripé é exemplo no modelo (T)EC(L)A de Swanwick (apud STIFFT, 2009), onde essas partes

são atividades indispensáveis para o desenvolvimento de atividades musicais. Além dessas partes temos, segundo mesmo autor, três dimensões materiais. A dimensão material segundo Hentschke (apud STIFFT, 2009) a atenção se volta para a qualidade do som e forma de manipulação dos sons. Na dimensão expressão, temos uma atenção voltada para os aspectos expressivos, caráter alegre ou triste, etc. A última dimensão, tem a atenção voltada para organização do som, ou seja, trata-se da estruturação da música, frase, períodos, partes.

Analisando essa tríade, execução, criação e apreciação como principais modo de interação musical, Stiff (2009) considera que a apreciação é a que menor parcela tem no ensino musical. Escolas tradicionais enfatizam a execução, performance, o que valoriza grupos musicais, obtendo grande relevância em recitais. Já os cursos alternativos, valorizam a criação. A autora acredita que a utilização menos expressiva da apreciação, é atribuída a duas possibilidades. A primeira possibilidade é atribuída ao produto dessa prática, por ser menos visível em relação às demais. Ou em contra partida pode ser pelo fato de uma falta de conhecimento ou de uma própria definição carente do que vem a ser apreciação. Por esse fator e pela importância dessa prática, a autora julga necessário falar sobre a apreciação na educação infantil.

Segundo Larousse, citado em Stiff (2009), apreciação é o ato de apreciar, estima, avaliação, julgamento, observação. Então, apreciação nada mais é que uma atividade de reflexão e atribuição de significados na prática musical. Brito (apud STIFFT, 2009, p.29), aponta a importância da escuta sonora, termo utilizado por ele para designar apreciação, dizendo que “faz parte do processo de formação de seres humanos sensíveis e reflexivos, capazes de perceber, sentir, relacionar, pensar, comunicar-se”. Já Bastião (apud STIFFT, 2009) utiliza o termo “audição musical ativa”, expondo ser esse o termo mais frequente para designar a apreciação musical. Ele a define como: “A escuta mais consciente da música, considerando, sobretudo, o envolvimento efetivo e inventivo do aluno nas diversas maneiras de perceber e reagir a música escutada”. (Bastião, apud STIFFT, 2009, p. 29)

Bastião (apud STIFFT, 2009), também concorda que a audição musical ativa, provoca uma vivência da música, possibilitando ao aluno expor seus sentimentos e pensamentos, em relação a música, aperfeiçoando, também, seu senso crítico, estético e analítico, forma, totalidade, estilo. O autor destaca que essa é uma importante contribuição no aprendizado musical, à medida que volta o olhar do professor para planejamento de atividades de apreciação.

Porém, ao analisar propostas de apreciação, elas não se caracterizam tão amplas quanto à de Bastião, há uma prioridade nos aspectos críticos, analíticos e pessoais. Segundo Schroeder e Schroeder (apud STIFFT, 2009), existem dois modelos de olhar a música. O olhar de dentro e o olhar de fora. O primeiro é mais analítico e prioriza a técnica, o fazer musical. De outro lado, temos o olhar de fora, que se caracteriza por seu contexto, descreve as condições que a obra foi feita. Mas a apropriação da música só é válida quando ela passa a fazer sentido, nisso, os autores referidos e Bastião entram em acordo. A proposta de apreciação musical considera os sentidos informativos ou contextuais, técnicos ou gramaticais e principalmente o sentido estético, o que diferencia a arte das demais produções culturais. (SCHROEDER E SCHOEDER, apud STIFFT, 2009)

Bamberger (apud STIFFT, 2009) acredita que ouvir música, nada mais é, que um processo ativo para dar sentido a algo. Para a autora, ouvir de uma forma nova é enriquecer a compreensão musical, é uma atividade criativa e receptiva, entre a música e o ouvinte. Santos (apud STIFFT, 2009, p. 30) reafirma a idéia da dinâmica da audição, quando diz:

“no caso da produção, ao mesmo tempo em que o compositor dá forma ao objeto ele também regulariza sua conduta sobre o objeto que está sendo feito. E, do ponto de vista da recepção, pode dizer que a escuta se conforma à música, sem dúvida, mas, em contra partida, ela compõe o objeto a sua maneira.”

Vimos conforme Stiff (2009) que à medida que as vivências musicais são aumentadas, também o sentido dado na música se torna mais musical. As ideias visam trabalhar a estimulação e as vivências musicais para bebês e crianças pequenas, pois segundo Bamberger (apud STIFFT, 2009, p. 34), é “uma forma de enriquecer a compreensão musical”.

É importante que a educação musical infantil de a oportunidade para as crianças pequenas também ouvirem música interagindo a ela de diferentes formas.

“a apreciação permitirá as crianças construírem esquemas mentais que possibilitem novas produções sonoras, ou seja, organizações posteriores sobre forma, timbres, ritmos, intensidades e variações na dinâmica para obter determinados resultados em execuções ou criações, como terminar uma criação, etc. A apreciação é, como dito anteriormente, uma atividade de base, que, além de ser em si mesma uma dimensão da experiência musical, abrange a função de complemento das demais experiências (execução e criação). (STIFFT, 2009, p. 35)

A educação musical deve associar-se a arte do movimento. Nessa arte deve-se explorar as atividades corporais para desenvolver os esquemas motores básicos, na estruturação do tempo e espaço e estruturação de significados.

Rodrigues (2009, p. 41), diz que “observarmos a construção dos conceitos musicais na criança, percebemos que estas vivências acontecem através do corpo, dos sentidos, produzindo gestos, sendo estes uma das formas de expressar o que é percebido do universo sonoro.”

Seeliger (apud RODRIGUES, 2009), coloca que a criança vivência a música de forma diferente do adulto, ela absorve a música com seus sentidos e com seu corpo. Em muitos casos o movimento está ligado à criação de conceitos musicais, sendo o movimento mais um campo de ação apresentado pela criança, assim com o ouvir, o criar, o imitar e o refletir.

De acordo com Seeliger (apud RODRIGUES, 2009), “a criança pequena Expressa a música com expressões faciais, mímicas, muitas vezes procurando adequar-se ao ritmo da música com palmas, balanceios e marchas”. Segundo Gembris (apud RODRIGUES, 2009), a criança a partir dos dois anos e meio já estabelece ligação métrica entre a música e o movimento. Além disso, essas reações podem demonstrar que a criança reconhece uma determinada melodia, repetindo movimentos que já fez quando ouviu na primeira vez.

Por volta dos três anos, a criança, com a chegada do simbolismo, tem um acréscimo no seu desenvolvimento. É através da imaginação que a criança utiliza da fantasia para enriquecer as experiências motoras. Certamente para que construam gestos expressivos, torna-se fundamental a produção de uma escuta atenta e profunda que convide ao movimento.

2.2. QUESTIONÁRIOS

Através de questionários direcionados para crianças de três e seis anos e pais com filhos entre as respectivas idades, foram relacionados ao contato que ambos tem com os livros infantis. A idéia principal é constatar a relação e a importância dos livros e da música no universo infantil, bem como o que lhes interessa e motiva e também seus desgostos. Com referencia aos pais, é importante saber o que motiva-os a dar livros a seus filhos, o que acham importante para as crianças, assim poderemos ter uma idéia da importância que eles dão para o tema proposto. Foram entrevistados trinta e cinco crianças e dezessete pais, no mês de maio do corrente ano. O questionário constou oito perguntas de múltipla escolha para as crianças conforme anexo A – Questionário Infantil e oito perguntas de múltipla escolha para os pais conforme anexo B – Questionário Pais.

2.2.1. Questionário infantil

Das crianças entrevistadas, 97% gostam muito de ouvir histórias, 3% gostam um pouco e é inexistente o desgosto por histórias. Em relação ao manuseio de livros, é unânime o gosto pelo contato direto com os mesmos.

Na idade dos entrevistados (gráfico 1) há uma predominância das crianças com quatro anos, representando 30%, seguindo de crianças de seis anos com 27%. Logo após com 23% encontramos as crianças com três anos e 20% com cinco anos.

- Idade:

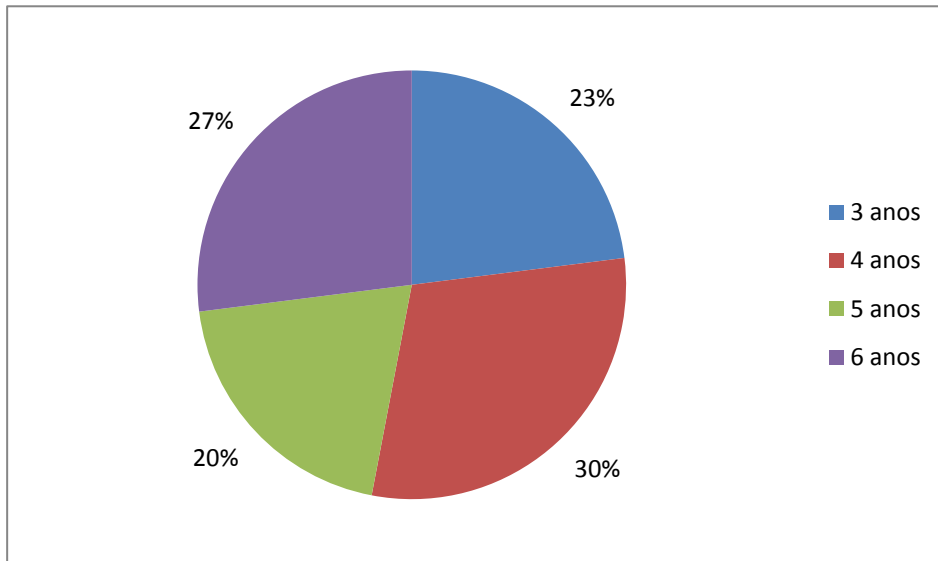


Gráfico 1 – Questão 1

O gráfico 2 mostra o gosto das crianças nos livros. Na maior parte, encontramos as ilustrações com 41%. Com 26%, encontramos os personagens conhecidos, 21% gostam das histórias e 12 % gostam de tudo.

- O que você mais gosta nos livros?

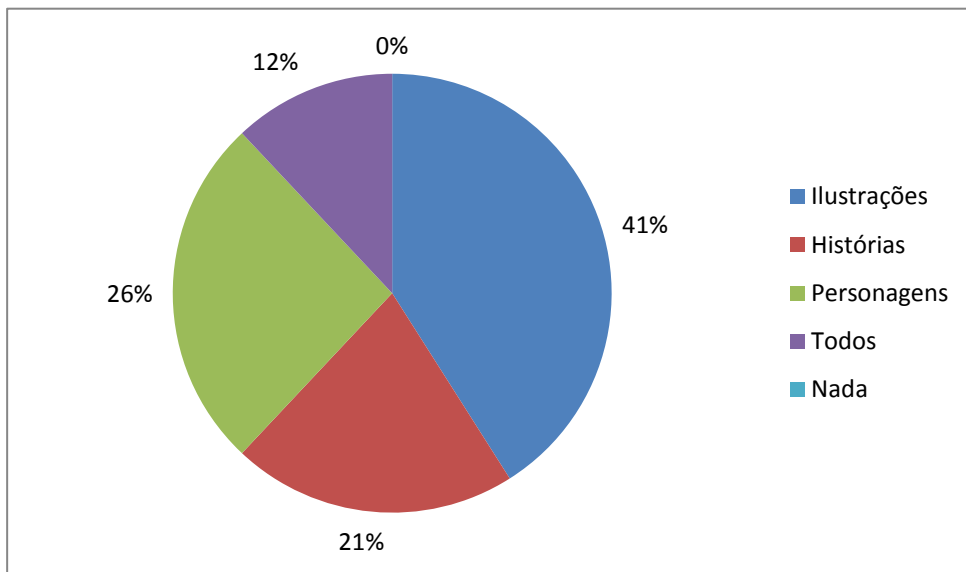


Gráfico 2 – Questão 4

Em relação aos desgostos infantis (gráfico 3), vemos que 53% das crianças gostam de tudo, 41% não gostam dos personagens e 6% não gostam das histórias.

- O que você não gosta nos livros?

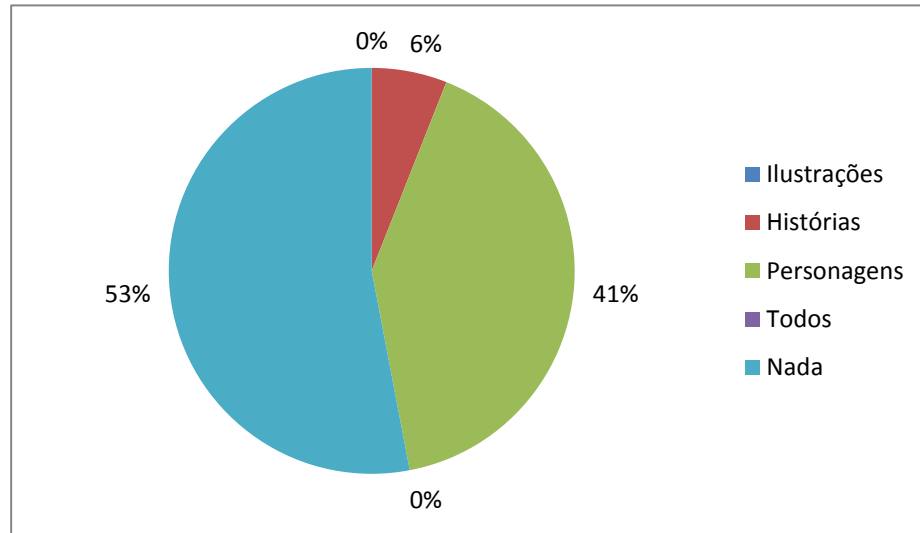


Gráfico 3 – Questão 5

No gráfico 4 os entrevistados demonstram o que desejam encontrar nos livros. Notamos que 23% gostariam que tivesse sons e jogos, 18% desenhos para colorir, 5% todos e desenhos e sons e, por fim, 6% gostariam de brinquedos.

- O que você gostaria que os livros tivessem?

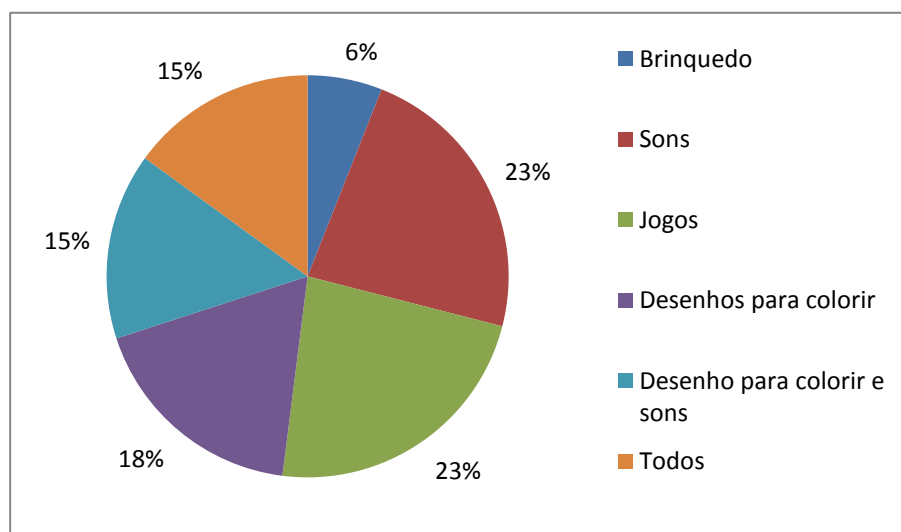


Gráfico 4 – Questão 6

Considerando a relação com a música, o gráfico 5 mostra que 79% gostam muito de música, 18% gostam um pouco e 3% das crianças não gostam de música.

- Você gosta de música?

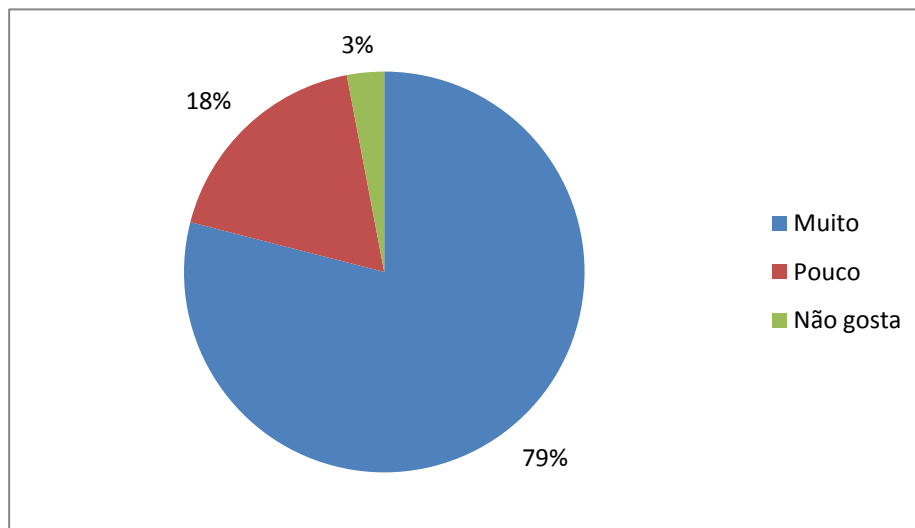


Gráfico 5 – Questão 7

Considerando que 79% das crianças gostam muito de música, o gráfico 6 mostra o que as crianças gostam de fazer ao ouvir música, 40% gostam de dançar, 15% das crianças gostam de cantar, 15% de cantar e dançar, 12% gostam de brincar, 15% gostam de apenas ouvir e 3% não gostam de fazer nada quando expostos a música.

- O que você gosta de fazer quando ouve uma música?

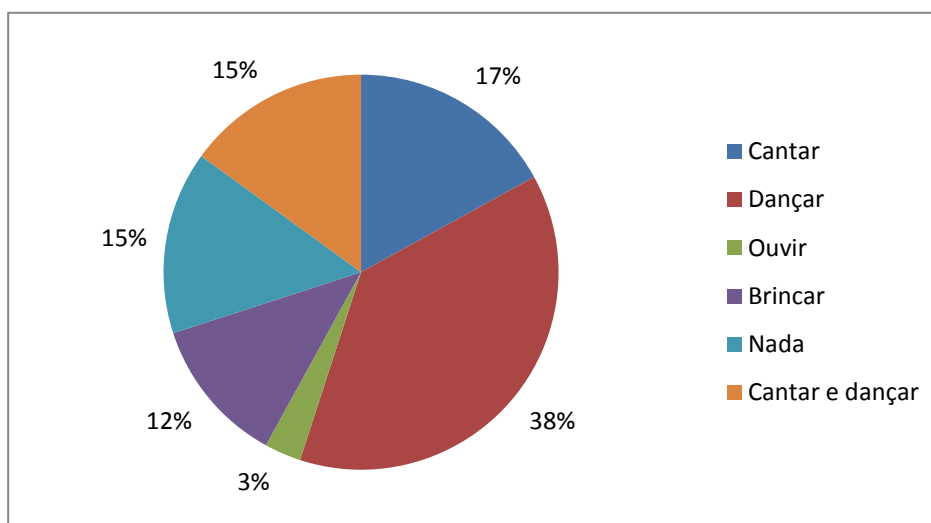


Gráfico 6 – Questão 8

2.2.2. Questionário dos pais

Dos pais entrevistados, todos alegam comprar livros para seus filhos, não importando a faixa etária da criança (gráfico 7), 31% dos pais tem filhos com idade de seis anos. Com cinco anos, 23%, igualmente dos três e quatro anos, com 23% dos entrevistados.

- Idade do filho.

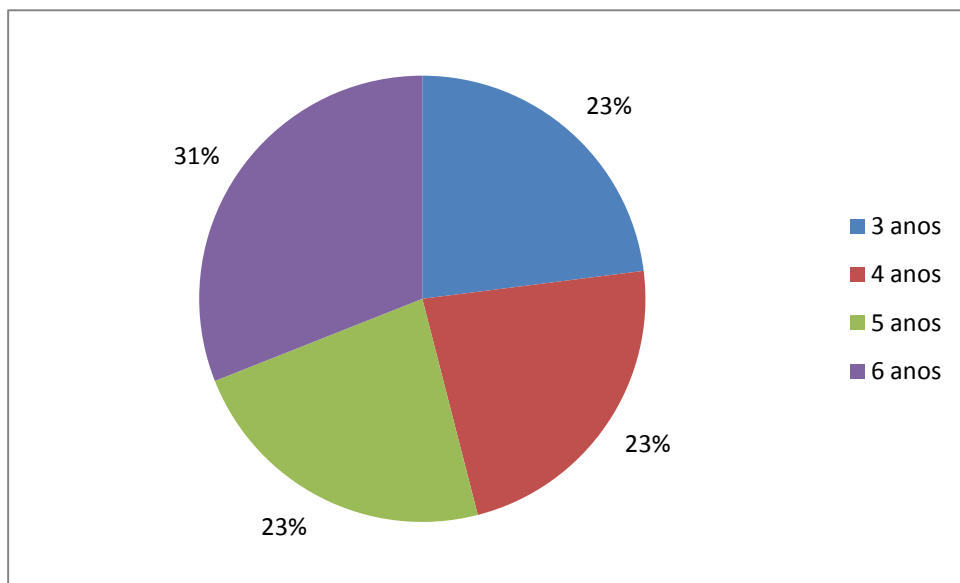


Gráfico 7 – Questão 1

Na questão, o que você procura para seus filhos (gráfico 8), 29% responderam estímulos, 23% diversão, 18% conhecimento, 12% histórias e 18% assinalaram todas as alternativas.

- O que você procura nos livros para seu filho?

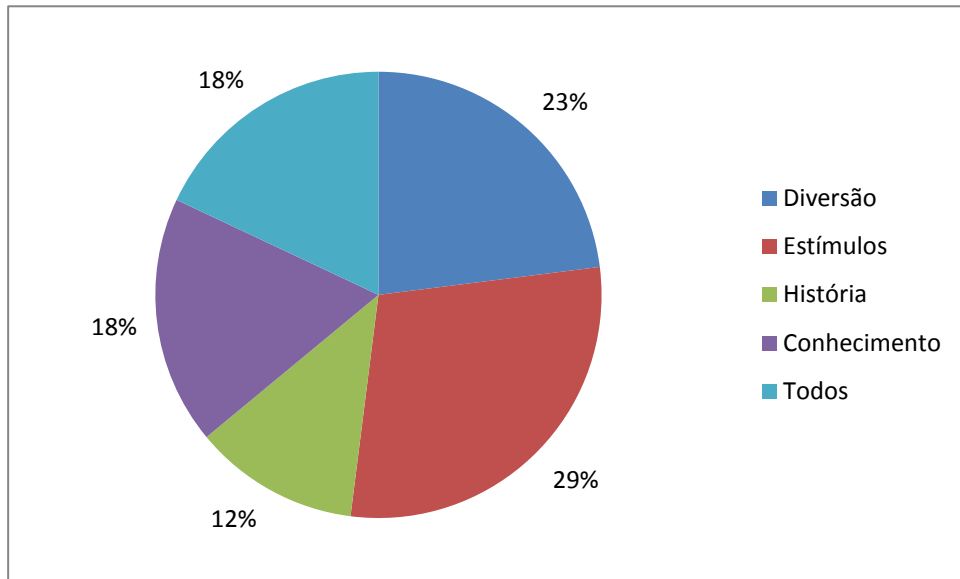


Gráfico 8 – Questão 3

O gráfico 9, mostra o que motiva os pais a comprar um livro para seus filhos. Destes, 35% procuram ver o interesse da criança, 23% o conteúdo, 18% procuram uma boa ilustração, 6% o custo do livro e 18% procuram todos os itens agregados.

- O que faz você comprar um livro para seu filho?

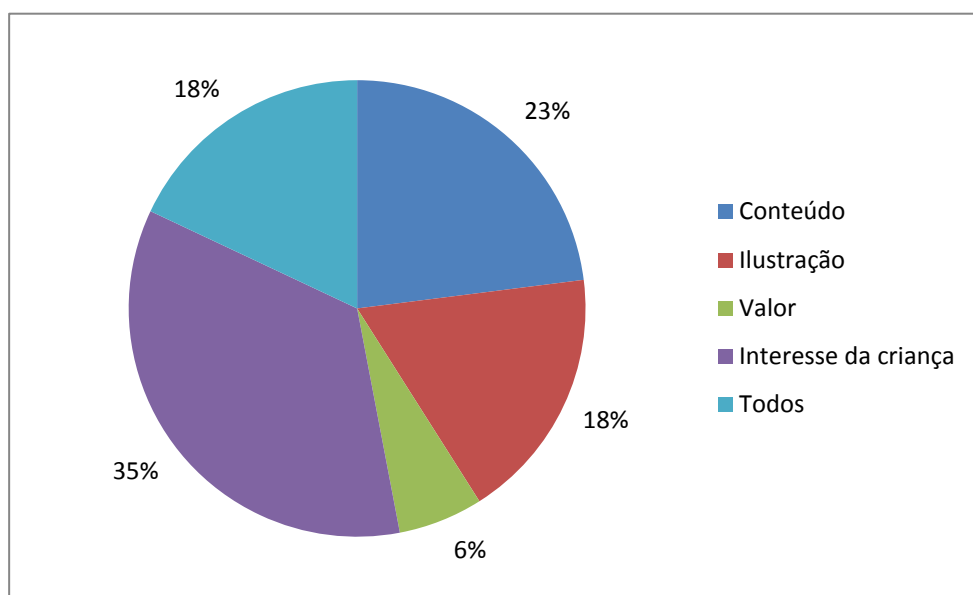


Gráfico 9 – Questão 4

Para desistir de comprar um livro (gráfico 10), 70%, dos pais, alegam que o valor é o que o faz, 12% encontramos o conteúdo e a ilustração e 6% dos pais não desistem de comprar o livro.

- O que faz você desistir de comprar um livro?

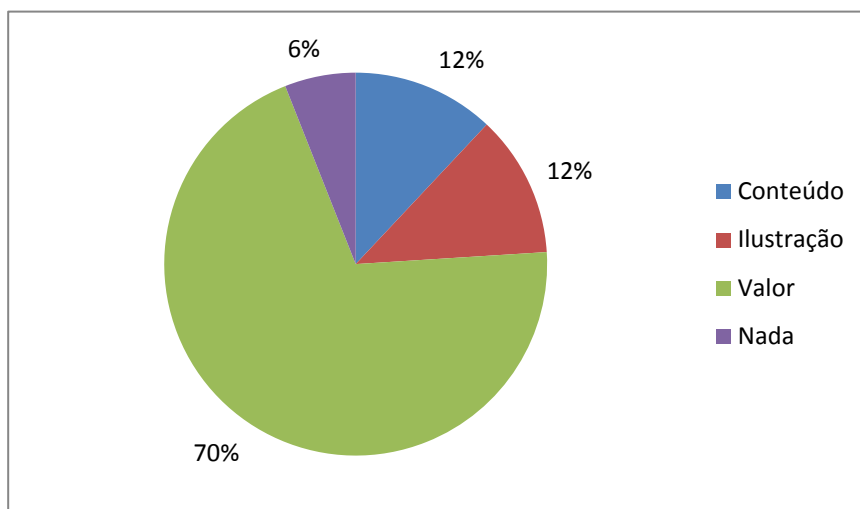


Gráfico 10 – Questão 5

Dos entrevistados, 71% afirmam propor alternativas para seu filho, na escolha do livro, 29% deixam o filhos escolher o de sua preferência (gráfico 11).

- Você deixa seu filho escolher o livro de sua preferência?

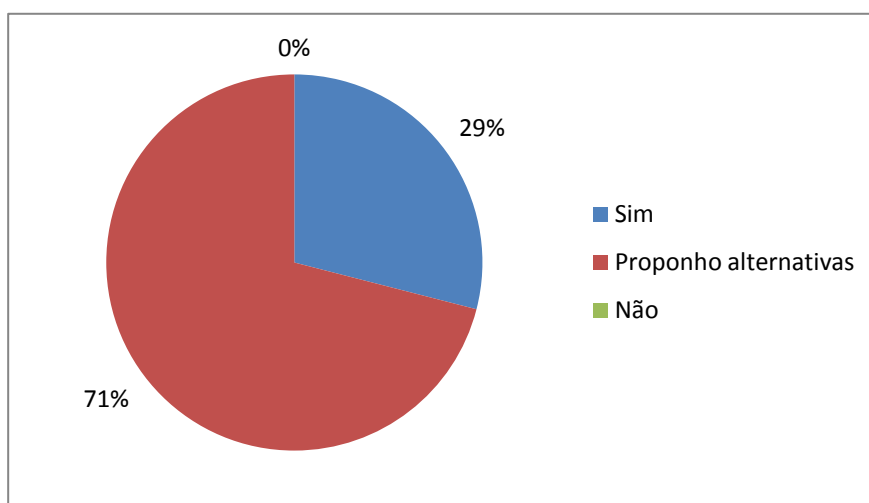


Gráfico 11 – Questão 6

No gráfico 12, vemos o posicionamento dos pais em relação a importância da música no desenvolvimento da criança. Destes 59% acham importante, 35% essencial e 6% consideram regular a importância da música no desenvolvimento de seu filho.

- Como você considera a música para o desenvolvimento da criança?

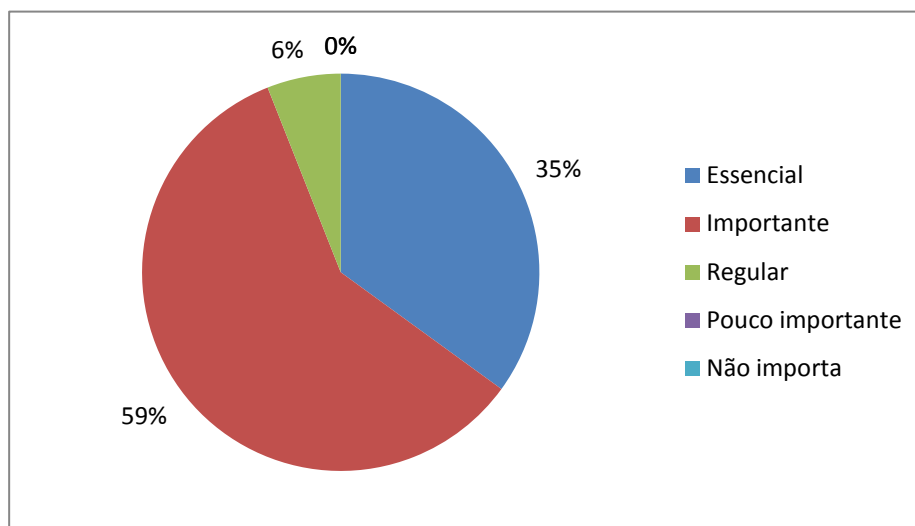


Gráfico 12 – Questão 7

Dos pais entrevistados, 76% são a favor da obrigatoriedade da música no currículo escolar, 18% se posicionaram contra e 6% se mostraram indiferente a essa questão (gráfico 13).

- Você é a favor da obrigatoriedade da música no currículo escolar?

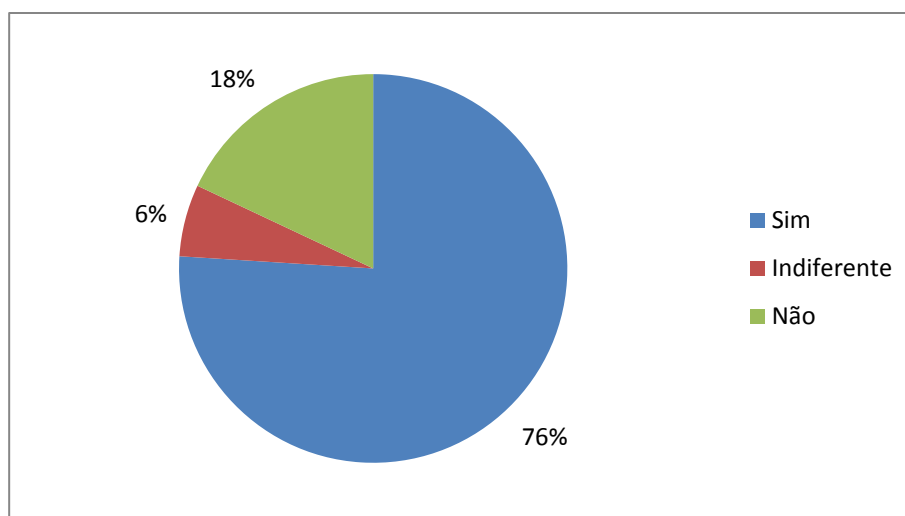


Gráfico 13 – Questão 8

2.2.3. Conclusões dos questionários

Em relação às crianças, todas as faixas etárias têm interesse por livros, embora os gostos variem a cada uma. Elas adoram ouvir histórias e se identificam com as ilustrações e personagens. Tanto, é verdade que na questão 5 elas destacam que o que não gostam nos livros são os personagens, porém, não é por não gostar deles mas pro não gostarem de alguns, como bruxas, lobos e monstros. Nessa fase as crianças se mostram interessadas em interagir com o livro. É unânime o gosto por manusear livros, porém vemos na questão 6 que o que mais interessa são jogos, sons e desenhos para colorir, o que afirma o interesse pela interação nos livros.

Vemos, também, que a música ocupa papel importante na vida das crianças, onde a maior parte delas adora música e notamos certa empolgação quando mencionamos o tema. A música, por sua vez, desperta alguns interesses e ações, que variam de dançar e cantar até simplesmente apenas escutar.

Já, levando em consideração o questionário dos pais, vemos também um aparente interesse deles nos livros. É importante ressaltar que essas entrevistas não são menos importantes que a das crianças, pois, de certa forma, os pais também são o público alvo e merecem nossa consideração. Vemos na questão 6 que a maior parte dos livros que as crianças possuem, nas faixas etárias entrevistadas, são frutos de uma pré seleção feita pelos pais. Sendo assim podemos afirmar que indiretamente são os pais que escolhem os livros dos filhos. As temáticas mais procuradas por eles são diversão e estímulos comprando livros baseados no interesse da criança e no conteúdo, só fazendo-os desistir da aquisição se o livro tiver um custo alto, segundo a realidade financeira de cada família.

Em relação a música, parece que os pais têm menos interesse do que seus filhos. A maior parte, dos pais entrevistados, considera a música importante no desenvolvimento infantil, mas, não julgam essenciais. Em contra partida, a maioria deles são a favor da obrigatoriedade da música no currículo escolar, uma vez que seus filhos possam saciar o interesse na música no meio escolar.

2.3. ANÁLISE HISTÓRICA DOS SIMILARES

Conforme Arroyo (1968), a inserção da literatura infantil no Brasil deu-se com enorme predomínio da literatura vinda de Portugal. Embora só nas regiões mais desenvolvidas, culturalmente, se manifestou essas obras, tanto originais como traduções. Mas foi na área escolar que ela realmente teve início. No século XX, a exemplo do poeta Cruz e Souza, alguns professores sentiam o problema na sua plenitude. Deixava-se aberta a oportunidade de implantação dessas obras originais e traduzidas, embora, concomitantemente, cuidava-se de uma literatura escolar original e traduções dos clássicos da literatura infantil de diversos países.

O período de transição entre o Império e a República, foi extremamente importante para a literatura infantil. Esse período foi muito rico de iniciativas a fim de proporcionar leitura às crianças brasileiras. César Augusto Marques, Constantino do Amaral Tavares, Cirilo dos Reis Júnior, dentre outros, foram importantes autores desse período.

Em 1881 tivemos grandes avanços na literatura infantil, como vemos na citação de Arroyo:

“Hemérito José dos Santos, em 1881, assinava um pequeno volume intitulado O Livro dos Meninos, e Gabriela de Jesus Ferreira França, nesse mesmo ano, nos dava Contos Brasileiros, obra destinada, como as demais, as crianças de todo o país e que foi aprovada pelo Conselho de Instrução Pública.” (1968, p. 168)

Também em 1881, conforme vemos em Arroyo (1968), com a iniciativa da autora Maria Dulce, temos publicações em folhetins, no jornal Gazeta da Tarde, do Rio de Janeiro, de uma série de histórias para crianças. Essas histórias eram contos de fundo moral e de acordo com os conceitos de literatura infantil da época. Juntamente com Maria Dulce, Nuno Álvares Pereira Souza estava muito interessado em proporcionar leitura as crianças brasileiras, que em 1870, deu a notícia da primeira biblioteca infantil, iniciada com o livro de sua autoria intitulado O Menino Endiabrado. Infelizmente Nuno não teve continuidade e voltou suas atenções para as traduções.

A contribuição da poesia, não menos importante, teve diversos autores assumindo a poesia destinada a infância. O cearense Juvenal Galeano, em 1871, dava o volume intitulado

Canções da Escola. Em Porto Alegre, a contribuição do autor José Fialho Dutra, dava-se em um volume de 150 páginas intitulado Flôres no Campo. Em 1886 José de Souza Lima, editava no Rio de Janeiro, Aos Bons Filhos, série de pequenos poemas brasileiros.

Ao tratarmos de livro de iniciação musical infantil, não foi encontrada uma cronologia de similares, até mesmo porque, os livros que tem referência musical para as crianças são livros recentes.

2.4.LEVANTAMENTO DE SIMILARES

A pesquisa está baseada em alguns livros infantis que, de alguma forma, tratam do tema música. Foram analisados cinco livros, uns com relação mais direta no tema, como a Guitarra infantil e o Recital real, que dão a oportunidade para a criança reproduzir a música proposta. Os títulos, É hora de dormir Nemo, O que fazem os peixes e Vamos dançar com os Backyardigans, trazem uma abordagem de apreciação musical, embora, o livro Recital real também aborda essa temática.

Os materiais encontrados para iniciação musical têm um foco para crianças a partir dos 18 meses, porém a partir dos seis anos esses livros não chamam mais a atenção com nas faixas etárias menores. Não foram encontrados títulos para crianças a partir de seis anos. O material encontrado com foco em crianças mais velhas são livros específicos para instrumentos músicas e exigem um prévio conhecimento no instrumento.

Os livros foram apresentados para cinco crianças de três anos, cinco crianças de quatro anos, dez crianças de cinco anos e dez crianças de seis anos, durante um tempo de dez minutos cada. Dispostos ao alcance delas, as crianças escolhiam conforme seu interesse em cada livro.

A análise tem por objetivo apresentar os livros para o público ao qual foram desenvolvidos e verificar os pontos positivos, que incentivaram e instigaram a criança a querer olhar o livro, bem como suas frustrações em ações ou ilustrações que as desagradavam.

2.4.1. O que fazem os peixes?

O que fazem os peixes é um livro infantil que aborda a temática do comportamento dos peixes (figura 1).



Figura 1 – Capa do livro O que fazem os peixes.

Fonte: Autor (2010)

Cada título questiona a criança um comportamento específico dos peixes comparados a outros animais. Cada título contém, também, uma canção específica que são partes de obras de Bach, Mozart e Beethoven. O conteúdo é basicamente formado por ilustrações, e os textos são perguntas e não contam uma história (figura 2). A música pode ser iniciada através de um toque no botão com o desenho encontrado na ilustração do título. Os botões estão alinhados e encontram-se em um aquário localizado quase no centro do livro. No decorrer da canção as luzes do aquário piscam com intuito de representar as bolhas de água do aquário. Abaixo algumas especificações do livro.



Figura 2 – Páginas do livro *O que fazem os peixes*.

Fonte: Autor (2010)

2.4.1.1. Dados técnicos

- Dimensões capa:
 - o Aberta: 580 x 280 mm
 - o Fechada: 280 x 280 mm
- Dimensões internas:
 - o Aberta: 543 x 280 mm
 - o Fechada: 271 x 280 mm
- Número de páginas: 10
- Material: papel cartão, polímeros, acrílico, componentes eletrônicos e pilhas.
- Impressão: off-set, 4x0 com plastificação.
- Peso: 772g
- Custo: R\$ 59,90
- Embalagem: plástico para lacrar.
- Manutenção: Troca de pilhas, 3X AAA
- Acabamento: livro in-fólio, capa dura com brochura e acabamento em adesivo.
- Idade sugerida: um ano e seis meses

2.4.1.2. Aceitação pelo público

O livro chamou atenção das crianças com faixas etárias entre 3 e 4 anos. As ilustrações são simples e não há uma riqueza de detalhes, o que favorece a crianças mais novas. As crianças não conseguem assimilar que cada título tem uma musica específica, apertando aleatoriamente os botões. Os peixes dentro do aquário causam frustração, pois as crianças querem tocá-los, por terem o mesmo formato dos botões, para ouvir música. Mas esses peixes são somente para decoração acendendo luzes que os fazem brilhar. As crianças gostaram das músicas, pois ouviam repetidamente.

2.4.2. Recita real

O livro Recita real, contempla canções contidas nos filmes das princesas da Disney, como por exemplo, Branca de Neve, Pequena Sereia, Cinderela, A Bela e a Fera e a Bela Adormecida (figura 3).



Figura 3 – Capa do livro Recital real.

Fonte: Autor (2010)

Pela temática escolhida e pelas cores empregadas, esse livro é voltado para meninas. Nas páginas do livro encontramos páginas que ilustram a história e outras que trazem a “partitura” (partitura com notas substituída por cores) das músicas das princesas e seus príncipes (figura 4). Embaixo do livro encontramos as teclas que correspondem a cada cor da partitura. Logo acima das teclas, temos botões com o rosto do protagonista da canção, que se acionados, tocam a música contida na partitura acendendo as teclas que deveram ser tocadas respectivamente. Existe um botão para parar a reprodução da música ao lado do alto falante do livro.



Figura 4 – Páginas do livro Recital real.

Fonte: Autor (2010)

O livro tem um formato de um piano de cauda, e sua capa é usada para representar o piano (figura 5).



Figura 5 – Simulação de piano de cauda com o livro **Recital real**.

Fonte: Autor (2010)

2.4.2.1. *Dados técnicos*

- Dimensões capa:
 - o Aberta: 576 x 280 mm
 - o Fechada: 280 x 280 mm
- Dimensões internas:
 - o Aberta: 542 x 280 mm
 - o Fechada: 270 x 280 mm
- Número de páginas: 10
- Material: Material: papel cartão, papel adesivo, polímeros, componentes eletrônicos e pilhas.
- Impressão: off-set, 4x0 com plastificação.
- Peso: 692g
- Custo: R\$ 59,90
- Embalagem: plástico para lacrar.
- Manutenção: Troca de pilhas, 3X AG-13
- Acabamento: livro in-fólio, capa dura com brochura e acabamento em adesivo.
- Idade sugerida: a partir de um ano e seis meses

2.4.2.2. Aceitação pelo público

O livro destaca-se pelos personagens e pela cor. Por serem as princesas da Disney que ilustram o livro e pelas cores lilás e cor-de-rosa, ele torna-se feminino, atraindo a atenção das meninas de faixas etárias entre 4 e 6 anos, ressalvo exceções. formato, embora só chame atenção de crianças a partir dos 5 anos. Sem ajuda de um adulto, a criança não percebe como funciona o livro, tocando-o aleatoriamente. Outro atrativo é poder escutar as músicas para depois toca-las. As teclas que acendem as luzes conforme a música, chamam a atenção das crianças menores.

2.4.3. É hora de dormir Nemo

“É hora de dormir Nemo”, é um livro musical voltado para fazer crianças, antes do sono (figura 6).



Figura 6 – Capa do livro **É hora de dormir Nemo**.

Fonte: Autor (2010)

O livro traz canções de ninar conhecidas, com a letra adaptada para o filme da Disney Pixar, Procurando Nemo. No interior do livro encontramos, basicamente, ilustrações e a letra da canção adaptada. A interação musical se dá através de botões com ilustrações características das páginas e quando pressionados escutamos a melodia da música para cantarmos a letra que está impressa (figura 7). Ao pressionar o botão, a estrela pisca de acordo com o ritmo que está soando.

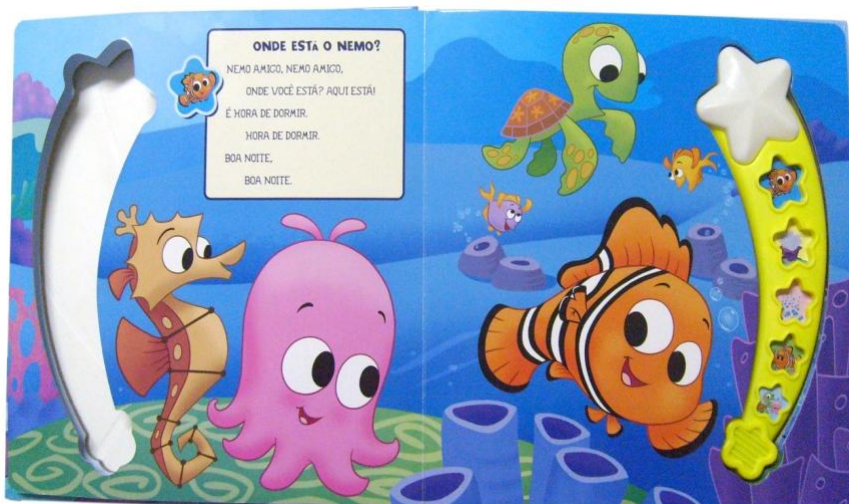


Figura 7 – Páginas do livro *É hora de dormir Nemo*.

Fonte: Autor (2010)

2.4.3.1. *Dados técnicos*

- Dimensões capa:
 - o Aberta: 578 x 280mm
 - o Fechada: 280 x 280mm
- Dimensões internas:
 - o Aberta: 542 x 280 mm
 - o Fechada: 271 x 280 mm
- Número de páginas: 12
- Material: papel cartão, polímeros, componentes eletrônicos e pilhas
- Impressão: off-set, 4x0 com plastificação.
- Peso: 716g

- Custo: R\$ 59,90
- Embalagem: plástico para lacrar.
- Manutenção: Troca de pilhas, 3X AG-13
- Acabamento: Acabamento: livro in-fólio, capa dura com brochura e acabamento em adesivo.
- Idade sugerida: a partir de um ano e seis meses

2.4.3.2. Aceitação pelo público

O livro teve uma boa aceitação entre todas as faixa etárias, devido ao fato, das ilustrações terem referências ao filme da Disney Pixar, Procurando Nemo. Além dos personagens e as ilustrações bem infantis, destacam-se a estrela e os botões musicais, no qual as crianças apertam aleatoriamente, não necessariamente tendo acabado a música. O que chama a atenção são os botões que, quando acionados, tocam uma canção de ninar. As crianças não assimilam a idéia de que cada personagem tem sua música, teclando quase sempre o mesmo botão quando a música termina, independentemente da página que estão olhando. O livro apresenta cortes muito próximos das extremidades das páginas, o que causa, com o manuseamento excessivo, dobra involuntária nas páginas do livro.

2.4.4. Vamos dançar com os Backyardigans!

No livro, “Vamos dançar com os Backyardigans!”, encontramos os cinco personagens da Nickelodeon, Pablo, Uniqua, Tasha, Austin e Tyrone (figura 8).



Figura 8 – Capa do livro **Vamos dançar com os Backyardigans!**

Fonte: Autor (2010)

O texto apresenta os Backyardigans, e suas principais características. Cada página é ilustrada com um personagem específico, bem como o texto com suas características. No lado direito do livro, encontramos a nota musical colcheia, onde estão os botões com os respectivos rostos dos cinco personagens. Cada botão, ao ser acionado, toca uma música respectiva a cada personagem e a temática da ilustração (figura 9).



Figura 9 – Páginas do livro **Vamos dançar com os Backyardigans!**

Fonte: Autor (2010)

2.4.4.1. *Dados técnicos*

- Dimensões livro:
 - o Aberta: 334 x 226mm
 - o Fechada: 204 x 226mm
- Número de páginas: 10
- Material: papel cartão, polímeros, componentes eletrônicos e pilhas
- Impressão: off-set, 4x0 com plastificação.
- Peso: 340g
- Custo: R\$ 34,90
- Embalagem: plástico para lacrar.
- Manutenção: Troca de pilhas, 3X AG-13
- Acabamento: livro in-fólio, brochura com acabamento em adesivo, encaixes
- Idade sugerida: a partir de um ano e seis meses

2.4.4.2. *Aceitação pelo público*

O livro teve uma boa aceitação entre as crianças com idades entre 3 e 4 anos, devido os personagens terem uma série de desenho animado no canal Nickelodeon. Esses personagens são direcionados a crianças menores, por isso a identificação com a faixa etária. Além dos personagens o que chama a atenção são os botões acionados tocam uma música. As crianças não assimilam a idéia de que cada personagem tem sua música, teclando quase sempre o mesmo botão quando a música termina, independentemente da página que estão olhando. As crianças gostaram muito das ilustrações, por serem “bonitas e coloridas”.

2.4.5. Guitarra radical

A “Guitarra radical” é um livro no formato de um violão, onde encontramos no braço do violão, botões com cores diferentes que representam as notas a serem tocadas e apresentam som de notas musicais (figura 10). Cada título contém uma página de ilustração e outra com as “partituras” musicais acompanhado pela letra da música. Os botões seguem a ordem de uma oitava da escala, crescendo do Dó ao Dó, um tom.



Figura 10 – Capa do livro **Guitarra radical**.

Fonte: Autor (2010)

O livro apresenta o texto de maneira a facilitar a leitura enquanto a criança toca o brinquedo (figura 11).



Figura 11 – Páginas do livro *Guitarra radical*.

Fonte: Autor (2010)

2.4.5.1. Dados técnicos

- Dimensões livro:
 - o Aberta: 280 x 472 mm
 - o Fechada: 472 x 172 mm
- Número de páginas: 20
- Material: Material: papel cartão, polímeros, componentes eletrônicos e pilhas
- Peso: 460
- Custo: R\$ 59,90
- Embalagem: caixa de papelão ilustrada.
- Manutenção: Troca de pilhas, 3X “AAA”
- Acabamento: livro in-fólio, brochura com acabamento em adesivo, encaixes
- Idade sugerida: a partir de 3 anos

2.4.5.2. Aceitação pelo público

O livro destaca-se pelo formato, embora só chame atenção de crianças a partir dos 5 anos. As crianças menores confundem a posição de ver o livro, uma vez que ele foi criado para olhar e tocar. Sem ajuda de um adulto, a criança não percebe como funciona o livro. Um aspecto incomodo, é referente ao formato de violão com o nome de guitarra, as próprias crianças comentaram: “que guitarra estranha!”. O som é muito baixo obrigando a encostar o ouvido no auto-falante. Quando acionado os botões, elas esperam ouvir musica, sem êxito na ação acham que o livro não esta funcionando. O livro é fácil de manusear e carregar.

3. O LIVRO

Considerando todos os estudos acima vistos, chegamos a conclusão que deveríamos trabalhar com um livro que contemplasse crianças com faixa etária entre 6 e 10 anos. Nessa fase não encontramos livros que respeitem tal idade. Vale à pena reforçar que no aprendizado musical, devemos respeitar o tempo da criança e preferencialmente ensinar música com brincadeiras e não precipitar-nos em querer ensinar música com algum instrumento. Na verdade, nossa intenção é provar que música é todo som que obedeça uma sequência e tenha uma intenção.

Ao entrar em contato com professoras de iniciação musical infantil, obtivemos variados temas que contemplam a iniciação musical, como sensibilização ao som, intensidade e altura dos sons, timbre, andamento, melodia, ritmo, harmonia, instrumentos de percussão, instrumentos de corda e instrumentos de sopro. Porém, temos a intenção de respeitar o tempo da criança e tornar-se-ia muito extenso abordar todos esses temas em um único livro. Para tornar o projeto válido, resolvemos separar esses temas, os deixando como possibilidade de novos lançamentos.

Iniciamos o primeiro livro contemplando o tema de sensibilização ao som, e o intitulamos Descobrimos os Sons. Dessa forma, abordamos exatamente o que as crianças vão encontrar em nosso projeto: o que são os sons e como produzi-los. Cabe ainda ressaltar que os questionários foram de suma importância para o desenvolvimento do projeto gráfico.

O conceito do livro nada mais é que a vontade das crianças em sua vivência diária. Dentro desse cotidiano infantil devemos considerar a diversão, alegria, descontração, animação, despreocupação. Através de um painel semântico, repassamos esses adjetivos para uma representação gráfica, dos pontos a serem trabalhados no projeto. Abaixo segue imagem do painel semântico (figura 12).



Figura 12 – Pannel Semântico.

Fonte: Autor (2010)

3.1 HISTÓRIA

Para criação de uma história é importante levarmos em consideração que ela deve transmitir: informação numa idéia afirma Eisner (2008). Segundo ele, uma história tem início, um fim e uma linha de eventos colocados em uma estrutura que os mantém juntos. A estrutura de uma história pode ser diagramada com muitas variações porque ela está sujeita a diferentes padrões entre o início e o fim. Ter um roteiro é útil como um guia para mantermos controle sobre a forma de contar. É a partir dele que encontramos a descrição de como e o que deverá contemplar cada cena, as falas e narrativas de cada página.

3.1.1 Roteiro

#Página 1

Duas crianças estão em seu quarto, olhando para fora. Na casa ao lado avistam, pela janela, um velho Senhor, que lhes chamou atenção pela alegria. Entediados resolvem ver o que se passava na casa. A curiosidade era descobrir o que deixava o velho sempre tão entusiasmado.

Narrativa

Em uma casa, pertinho da vizinhança, três crianças estão querendo encontrar novas maneiras de se divertirem, mas não sabem como fazer isso. Então, olhando pela janela do seu quarto, elas avistam um velho senhor na casa ao lado. Ele parecia muito feliz, cantava e dançava sem parar. Aninha, Pedrinho e (espaço para o nome do leitor) resolvem ir até lá ver porque o senhor parecia estar tão alegre.

#Página 2

As duas crianças chegam à casa do vizinho e espiam pela porta que estava entre aberta.

Narrativa

Eles chegam à casa do vizinho e encontram a porta dos fundos entre aberta. Movidos pela curiosidade, resolvem entrar para ver o que de tão mágico havia por lá.

#Página 3

Quando as crianças entram na sala, se deslumbram com os variados instrumentos musicais, de percussão e sopros. Ao fundo, um belíssimo piano de cauda, ladeado por um rabecão escorado na parede.

Narrativa

As crianças entram na sala ficando maravilhadas com o que vêem e logo sentem vontade de brincar com todos aqueles instrumentos.

#Página 4

As crianças começam a tocar nos instrumentos quando de repente o velho Senhor chega surpreendendo-os, as crianças não demonstram medo. O velho pergunta o que eles querem em sua casa. As crianças rapidamente respondem que só querem se divertir.

Narrativa

Aninha, Pedrinho e (espaço para o nome do leitor) começam a brincar com os instrumentos, quando de repente o velho Senhor, aparece perguntando:

- O que vocês querem aqui?

Imediatamente as crianças respondem.

- Nós só queremos nos divertir como o senhor, porque em nossa casa não tem nada divertido para fazer!

#Página 5

O Maestro Orlando se apresenta e pede para eles sentarem. Ele lhes mostra um velho amigo seu. O amigo do velho é um boneco de ventríloquo, o Musilino, que irá apresentá-los ao maravilhoso mundo da música. Para começo o boneco propõe uma atividade para as crianças imaginarem um mundo onde não houvesse nenhum som.

Narrativa

Então o velho Senhor convida-os a sentar:

- Eu sou o Maestro Orlando. Como vocês se chamam?

-Aninha, Pedrinho e (espaço para o nome do leitor).

- Vou apresentar a vocês um velho amigo meu. Esse é o Musilino, ele mostrará para vocês como se divertir.

#Página 6

O boneco faz um desafio às crianças. Elas devem prestar atenção nos diversos sons que poderiam escutar em sua casa, na rua ou em outros locais de sua vivência e procurar objetos que pudessem fazer sons. E no dia seguinte contar para ele o que tinham escutado.

Narrativa

O boneco não perde tempo e sugere para as crianças:

- Fechem os olhos, pensem nos sons que vocês escutam durante o seu dia. Imaginem como seria se não existissem esses sons!

#Página 7 e #Página 8

O boneco então lhes mostra o diário dos sons e pediu para que eles contassem os sons que tinham ouvido. Pop-up do Musilino. Depois ele pede para elas desenharem os objetos sonoros que mais lhe chamaram atenção no diário dos sons. Na página 8 deve conter o caderno para desenhar.

Narrativa

- Agora que já pensaram, vamos desenhar no diário os objetos que fazem os sons que vocês mais gostam.

#Página 9 e #Página 10

O Musilino ensina as crianças como fazer instrumentos reciclados com materiais que eles tem em casa, provando que para fazer música não é necessário instrumentos musicais específicos. Devera conter as instruções para a construção dos instrumentos.

Narrativa

- Ei crianças, vamos fazer instrumentos musicais?

É o seguinte, logo abaixo, teremos dois papéis com os passos para construirmos um chocalho e uma flauta.

Mas, não esqueçam, devemos sempre pedir ajuda para um adulto.

- Nossa, como é divertido fazer esses instrumentos. Mal posso esperar para brincar com eles e poder montar uma banda com meus amiguinhos!

#Página 11

O boneco pede nova ajuda para contar uma história. As crianças devem emitir os sons relativos a cada parte da história. Aqui também deve conter a história em uma espécie de livro.

Narrativa

-Vamos brincar de contar histórias? Preciso da ajuda de vocês. Durante o conto, deverão apertar os botões ao lado, assim ele ficará mais divertido.

História

Era um lindo domingo de sol e Joãozinho acordou com toque do seu despertador (*). De repente, os sinos da igreja começaram a soar (*) e Joãozinho saiu rapidamente da cama e foi até a oficina do seu pai, que terminava de construir um caminhãozinho de madeira para ele. Ficou muito alegre em poder ajudá-lo. Começou, então, a martelar (*), serrar (*) e lixar (*). O brinquedo já estava quase pronto quando papai chegou com uma surpresa: uma buzina. Cuidadosamente ela foi instalada, e Joãozinho se pôs a buzinar (*) e imaginar o quanto seus amigos iriam gostar da novidade!

#Página 12

Mostrar as crianças felizes em casa, se divertindo com os instrumentos que o Musilino ensinou a elas.

Narrativa

Então, Aninha, Pedrinho e (espaço para o nome do leitor), cheios de histórias para contar, voltaram para casa com novas maneiras de se divertir, fazendo música com objetos que tinham. E não demorará muito para essa brincadeira entre amigos voltar.

3.2 CONSTRUINDO OS PERSONAGENS

Para a criação dos personagens é fundamental possuímos um guia de referências visuais (Anexo D). É nele que encontramos toda a descrição dos personagens, bem como a descrição dos ambientes e lugares onde a história acontece. Encontramos no guia, o detalhamento de cada personagem, como porte físico, vestimentas, gostos e desejos. Na hora da criação do personagem tendo esses adjetivos definidos torna-se mais fácil a visualização de cada um.

Todos os personagens são criados a partir de linhas centrais, que dão o equilíbrio ao personagem e posteriormente, articulando elipses vai se dando a forma a cada um deles (Figura 13).

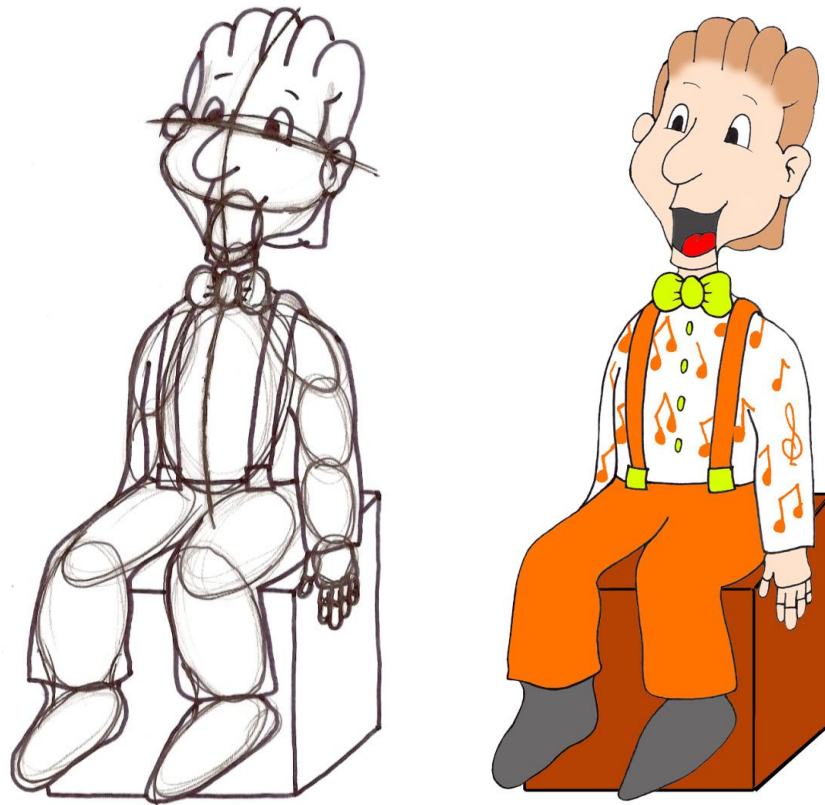


Figura 13 – Construção dos personagens.

Fonte: Autor (2010)

3.3 WATER MARKED PAGE

A water marked page nada mais é que a marca d'água de cada página. Através de desenhos simples devemos representar como será constituída cada cena. Nessa fase devemos informar o que cada página deve conter, onde e como os personagens e objetos estarão dispostos.

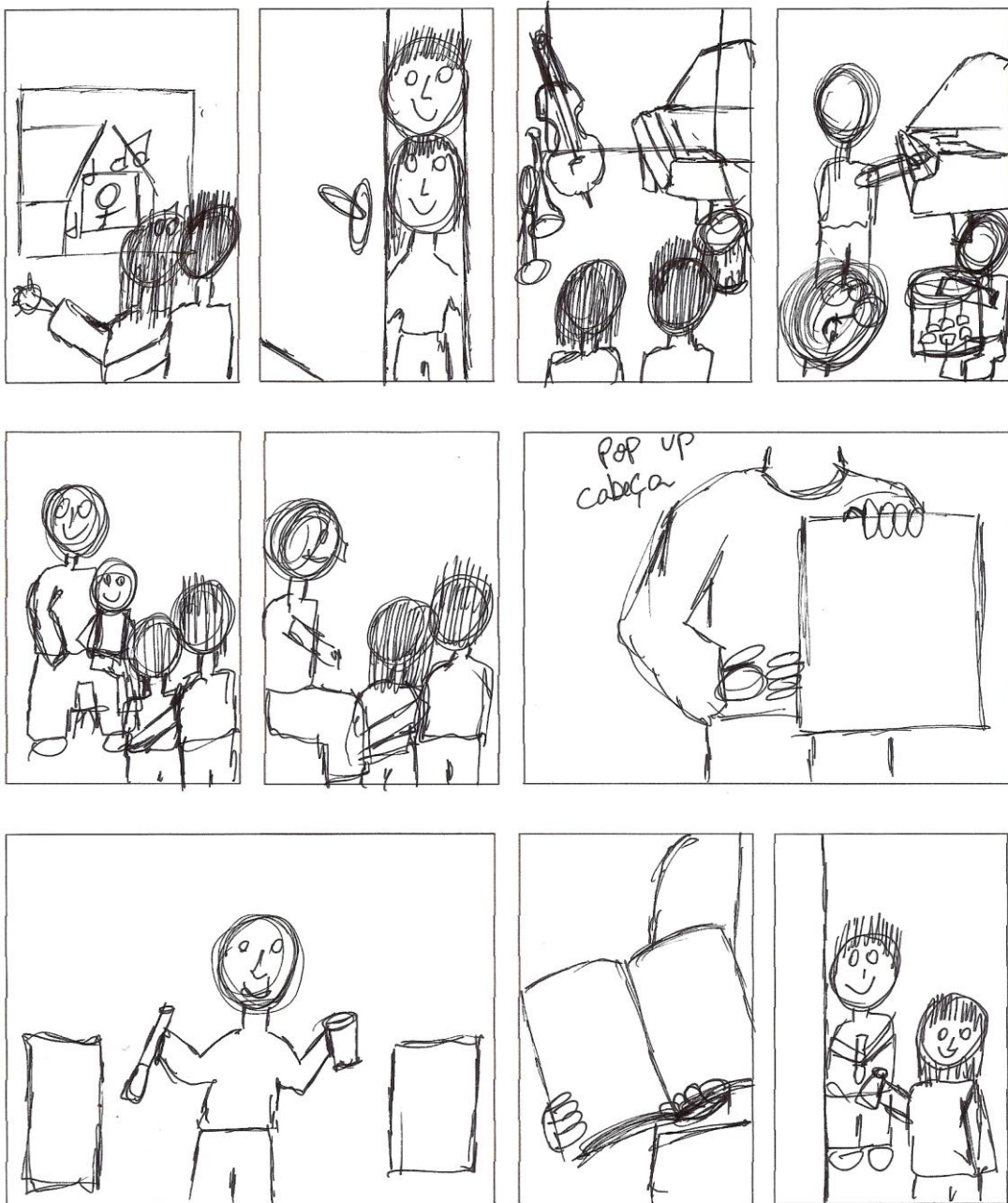


Figura 14 – Water marked page.

Fonte: Autor (2010)

3.4 TAMANHO DO LIVRO

O formato do livro teve origem no aproveitamento racional de papel (anexo C). Na tabela de aproveitamento de papel encontramos variados tamanhos e o aproveitamento de cada tamanho em um formato de fábrica BB, 66x96 cm. o tamanho eleito foi o formato 8,

onde cada divisão da página tem 240 x 330mm, com aproveitamento total nesse formato. Por se tratar de um livro, temos que considerar que devemos respeitar as margens para impressão onde deixamos vinte milímetros de margem superior e inferior e quinze milímetros de margem esquerda e direita. O formato final do livro será de 290x210 mm. Esse formato se aproxima do formato A4, que tem proporções áureas, ou seja, proporções perfeitas que variam de acordo com o crescimento da natureza. Estes padrões, devido a essas proporções, são mais facilmente aceitos pelos consumidores.

3.5 DIAGRAMAÇÃO

Existem diferentes maneiras de se contar uma história. A tecnologia criou vários veículos de transmissão, mas fundamentalmente contamos com apenas duas maneiras, palavras (oral e escrita) ou imagens. Às vezes, temos a junção das duas formas, como é o caso do livro *Descobrimos os Sons*. É importante termos o cuidado na estruturação da página, pois as duas formas de linguagem devem trabalhar juntas e não atrapalhar uma a outra. A diagramação foi construída a fim de evitar esse episódio.

As malhas construtivas são frequentemente usadas para situações em que elementos gráficos imprevisíveis precisam ser combinados de maneira rápida e ordenada. Essas malhas, em nosso livro, foram criadas com base na regra dos terços, muito utilizada em composições fotográficas, cinematográficas e ilustrações. A página foi dividida em três partes iguais na horizontal e três partes iguais na vertical (Figura 15). As zonas de intersecção dos traços são consideradas áreas de maior destaque dentro da composição como pode ser visualizado nas figuras abaixo.

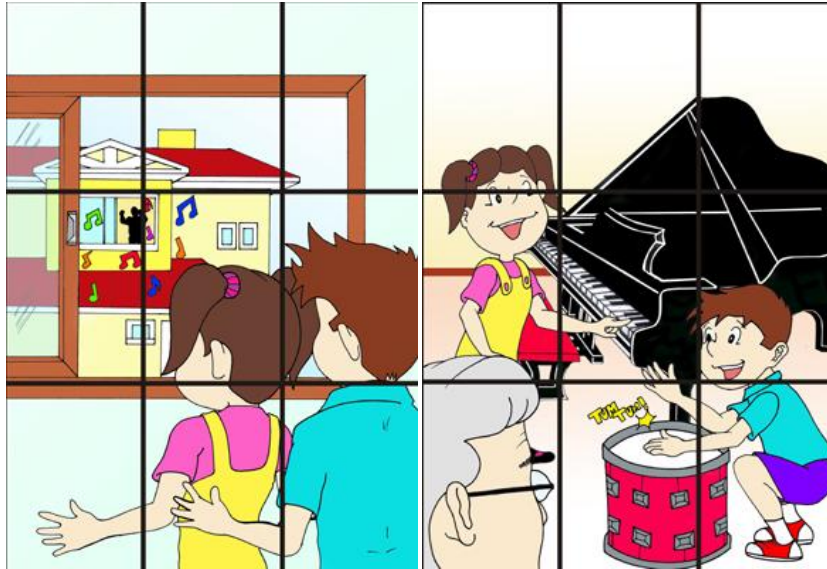


Figura 15 – Exemplos de diagramação das páginas

Fonte: Autor (2010)

É importante ressaltarmos que todas as páginas obedecem à mesma regra de ilustração. A capa também foi diagramada da mesma forma. Também devemos considerar que em uma página impressa existem diferentes zonas de visualização. Os textos são dispostos, na maioria das vezes, na denominada zona primária, segundo Silva (1985), que se trata da primeira área de visualização em uma página. A zona primária refere-se aquela se está no canto superior esquerdo. O grid (figura 16) para a diagramação do texto foi criado a partir da subdivisão de cada quadrante, sempre obedecendo a divisão em três partes iguais.

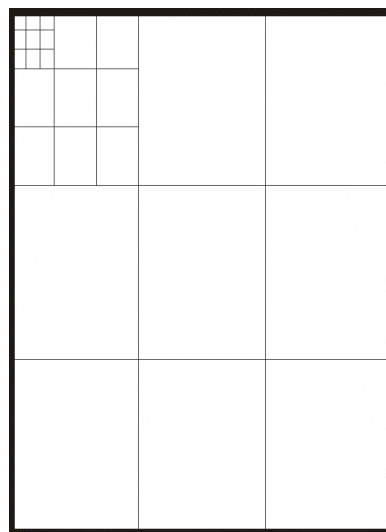


Figura 16 – Construção dos módulos para diagramação do texto.

Fonte: Autor (2010)

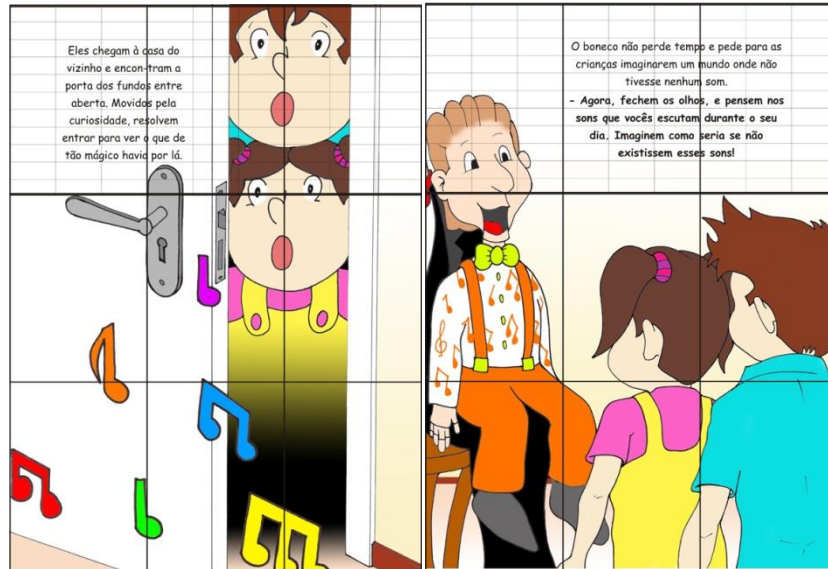


Figura 17 – Exemplos de disposição do texto nas páginas.

Fonte: Autor (2010)

O texto encontra-se no alinhamento centralizado, a fim de deixá-lo o menos formal possível. O texto recebe esse destaque pois as ilustrações ocuparam a maior parte das páginas e apresentam maior destaque por sua coloração. Também devemos considerar que a leitura ocidental é feita da esquerda para a direita, o que habitua nosso iniciante leitor com as regras de leitura ocidental.

3.6 TIPOGRAFIA

É necessário considerar, primeiramente, que a escolha da fonte a ser utilizada seja apropriada à tarefa e ao assunto. Bringhurst (2005 p. 107), utiliza de um exemplo prático para entendermos a melhor escolha.

“Você está projetando, digamos, um livro sobre corridas de bicicletas e encontrou uma fonte chamada Bicicleta no catálogos de tipo, com raios no O, um A em forma de selim, um T que lembra um guidão e pequenos calçados com travas pisando sobre as longas serifas das ascendentes e descendentes, como se fosse pés pedalando. Será a fonte perfeita para o livro? O melhor tipo para um livro sobre corridas de bicicleta será, antes de mais nada, inerentemente bom. Em segundo lugar, deverá ser um tipo bom para livros, ou seja, um bom tipo para uma confortável leitura longa. Em terceiro lugar um tipo simpático ao tema. Será

provavelmente inclinado, forte e ágil. Mas provavelmente não irá carregar-se de um frete excessivo de ornamentos e fantasias.”

Pelo fato de nosso livro ser infantil, devemos tomar cuidado e levarmos em consideração o exemplo citado. Nossa escolha deve transmitir simplicidade, alegria e espontaneidade dando ao livro uma ar infantil e amigável, sem muitos ornamentos e fantasias, pois devemos lembrar que nosso público está começando seu contato com a leitura. Portanto, cabe a nós facilitar a atividade de leitura de códigos proporcionando facilidade de acesso e prazer.

A fonte escolhida foi a Comic Sans. Essa fonte foi desenvolvida por Vincent Connare, para tornar mais amigável à apresentação das falas de um personagem da interface do windows da Microsoft, intitulado Microsoft Bob, desenvolvido para crianças e novos usuários. A interface não deu certo, mas algo de bom ficou. A fonte teve como base as revistas em quadrinhos “The Dark Knight Returns” e “Batman”, por isso foi nomeada Comics. O Sans foi agregado devido ao fato da fonte não possuir serifas com exceção da letra I maiúscula. Essa fonte veio dos quadrinhos e foi desenvolvida para crianças, porém, por ser uma letra com desenho diferente, começou a ser utilizada de forma indevida, sendo criticada pelo jornal Boston Phoenix, pois o jeito da fonte tirava a seriedade do texto. “Não houve intenção de incluir a fonte em outras aplicações que não sejam os destinados a crianças quando eu projetei a Comic Sans”, afirma Connare.

Comics Sans

abcdefghijklmnopqrstvwxyz

ABCDEFGHIJKLMNQRSTUWXYZ

0123456789!@#\$%··&*()<>:?

Comics Sans Bold

abcdefghijklmnopqrstuvwxy

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

0123456789!@#\$%^&*()<>:?

3.7 ILUSTRAÇÕES

A partir da segunda metade do século XX, surge um novo jeito de contar histórias e na própria definição da literatura. Nessa época houve uma proliferação no uso de imagens como fator de comunicação, pois com o avanço tecnológico é exigida menor habilidade para ler um texto. As imagens ajudam as palavras e, muitas vezes, as substituem na hora de transmitir uma mensagem. Vemos exemplos em nosso dia-a-dia, como a sinalização de trânsito e instruções mecânicas. A leitura visual se tornou uma habilidade obrigatória nesse século.

Para Eisner (2008), imagem é a memória do objeto ou experiência gravada pelo narrador fazendo uso da fotografia ou desenho. O desenho deve ser apresentado de maneira simplista, pois o intuito sempre deve ser facilitar o entendimento dessa forma de linguagem.

Na arte sequencial, devemos representar desenhos criados a partir de características físicas comumente aceitas e associadas a uma ocupação. A imagem deve definir o personagem ou a cena instantaneamente partindo da experiência social e da forma que o leitor espera encontrá-lo, define Eisner (2008). Existe um imenso leque de histórias que podemos contar usando meio gráfico, porém o método deve ser específico para a sua mensagem.

É de fundamental importância saber para quem estamos contando a história. O perfil do leitor é que define o tipo de ilustração e os componentes que ela deve conter. Outro fator importante é mantermos o interesse do leitor, logo, o autor deve buscar artifícios que renovem o vínculo de atenção do leitor com a história.

Para facilitarmos a construção da cena temos uma ferramenta para nos ajudar: o guia de referências visuais (anexo D). Ele contempla a descrição detalhada da temporalidade da história, dos planos de fundo, ambientes e personagens, tendo como objetivo agilizar a criação

pois o ilustrador, na hora de desenhar, já possui conhecimento do contexto da história. Levando em consideração esses fatores em que as ilustrações foram baseadas, sempre respeitamos a idéia de desenhos simplistas, bem coloridos que passam a idéia da história. Segue abaixo as ilustrações das páginas.



Figura 18 – Ilustração da página 1.

Fonte: Autor (2010)



Figura 19 – Ilustração da página 2.

Fonte: Autor (2010)



Figura 20 – Ilustração da página 3.

Fonte: Autor (2010)



Figura 21 – Ilustração da página 4.

Fonte: Autor (2010)



Figura 22 – Ilustração da página 5.

Fonte: Autor (2010)



Figura 23 – Ilustração da página 6.

Fonte: Autor (2010)

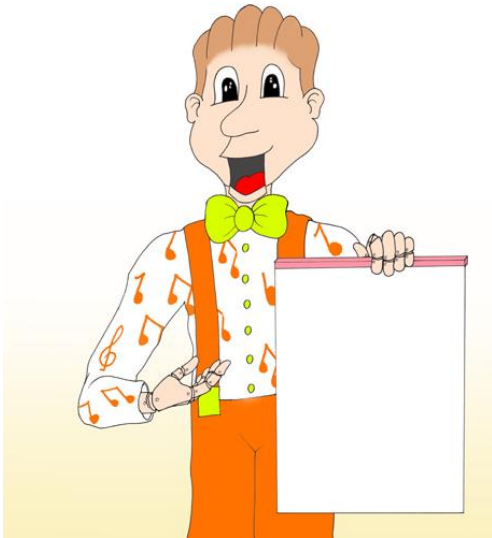


Figura 24 – Ilustração das páginas 7 e 8

Fonte: Autor (2010)



Figura 25 – Ilustração das páginas 9 e 10

Fonte: Autor (2010)



Figura 26 – Ilustração da página 11.

Fonte: Autor (2010)



Figura 27 – Ilustração da página 12.

Fonte: Autor (2010)

Devido à falta de ferramentas para uma criação digital, todas as nossas ilustrações foram criadas no papel. Posteriormente, as digitalizamos em preto e branco com resolução de 300dpi. Após esta etapa, os desenhos receberam pintura digital para finalização e posterior impressão.

3.8 MATERIAIS E ACABAMENTOS

Nosso produto, visando interação com a criança, conta com diversos materiais que variam de papel a elementos eletrônicos. Elegemos cada material pensando e selecionando seu melhor aproveitamento no livro.

Vários processos podem ser usados para finalizar um livro, visando transformar uma peça comum em algo especial, tornando-a mais atraente e funcional. Tendo em vista esse objetivo, nós estudamos esses processos e agregamos este conhecimento para a finalização de nosso produto, tornando-o competitivo se comparado com livros concorrentes de grande

produção. Nosso livro será in-fólio, apresentando capa dura com brochura e acabamento em laminação.

3.8.1 Capa

Escolhemos como suporte para impressão da capa o papel couché, 170g por apresentar boa qualidade, com alto brilho, lustro, encorpado e por ser revestido com substâncias minerais que proporcionam melhor superfície para impressão de meios-tons, que nos permite definição dos detalhes importantes. Após a impressão, a capa passará por um processo de laminação; com isso, nosso produto encontrará-se-á protegido contra umidade e manuseio, tornando a superfície impermeável, resistente e inviolável. A impressão será offset em quatro cores com processo CTP (computer to plate, do computador para a chapa). O offset é um processo rápido e de altas tiragens que produz resultados consistentemente regulares. O CTP elimina o processo de produção de fotolito, posteriormente utilizado para confecção de uma chapa, o que economiza tempo e custos e diminui quantidade de produtos químicos. As imagens impressas por CTP são mais precisas, já que os pontos podem mudar rapidamente quando o filme é exposto na chapa. A capa contará também com acabamento de alto-relevo, a fim de destacar elementos importantes, como o título da obra e a maçaneta da porta, dando um aspecto de tridimensionalidade. As cores deverão ser vivas, criando um bom contraste, uma vez que o fundo é branco para destacar as cores das letras e das notas musicais.



Figura 28 – Capa do livro Descobrimos os Sons

Fonte: Autor (2010)

3.8.2 Páginas internas

Nas páginas internas do livro usaremos como suporte o papel couché monolúcido de alto brilho de gramatura 230g, por ter todas especificações do papel couché, que citamos acima, tendo brilho sem necessidade de outro acabamento. Impressão será offset quatro cores com processo CTP, como mencionamos. As páginas serão impressas duas a duas (anexo D), sendo posteriormente coladas umas nas outras, o que deixará a folha com o dobro da gramatura e ajudará na interação, principalmente na página dois.

3.8.3 Equipamentos eletrônicos e carenagens

Em nosso livro contaremos com um sistema eletrônico auxiliando na interação da décima primeira página, com função de emitir um determinado som, após o respectivo botão do som ser acionado, tornando a história mais atrativa. Esse sistema eletrônico funcionará

com três pilhas, “AAA” e deverá ser acondicionado em uma carenagem que o proteja. A carenagem (figura 13) terá as dimensões de 60x270x10 e será produzida com polímeros injetados.



Figura 29 – Carenagem da placa para interação na página 11

Fonte: Autor (2010)

Esse sistema de placas, que necessitamos, pode ser produzido por um preço razoável partindo de uma tiragem de 10.000 peças, quantidade mínima solicitada para o projeto, onde cada peça será comercializada por aproximadamente 0,80 centavos de dólar. Tais placas geralmente são comercializadas na China e devemos encomendar o circuito e suas especificações. A entrega é rápida e as placas conterão os sons armazenados na memória. Em virtude dessa tiragem mínima, imposta pelas empresas de componentes eletrônicos, não se tornou viável financeiramente a produção de um protótipo funcional dessa placa eletrônica.

3.9 INTERAÇÕES

De forma lúdica, idealizamos um livro que pudesse interagir com a criança leitora. Pensando nisso, disponibilizamos lugares vazios nos quais a criança poderá colocar seu nome juntamente com o dos personagens (figura 30), dando-lhes a oportunidade de fazer parte da história. Seguimos essa mesma logística na página número dois do nosso produto, onde existe um espaço disponibilizado para inserção de uma fotografia do leitor (figura 31). Temos,

também, o diário dos sons (figura 32), no qual o leitor tem a oportunidade de desenhar no próprio livro. Nessa mesma página, encontramos também, um pop-up do personagem

Musilino, conferindo maior descontração e inovação para a história. A partir disso, o leitor pode interagir com sons próprios da história de Musilino e até mesmo construir instrumentos musicais.

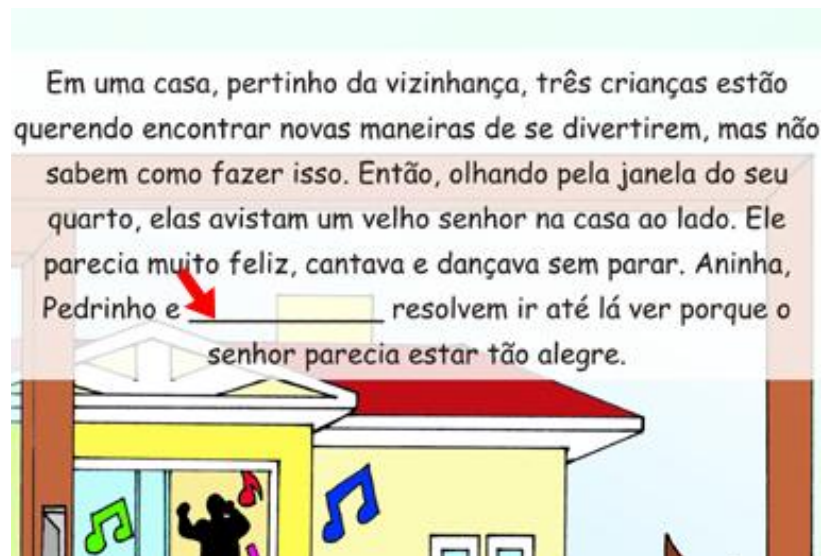


Figura 30 – Detalhe da interação com o nome do leitor

Fonte: Autor (2010)

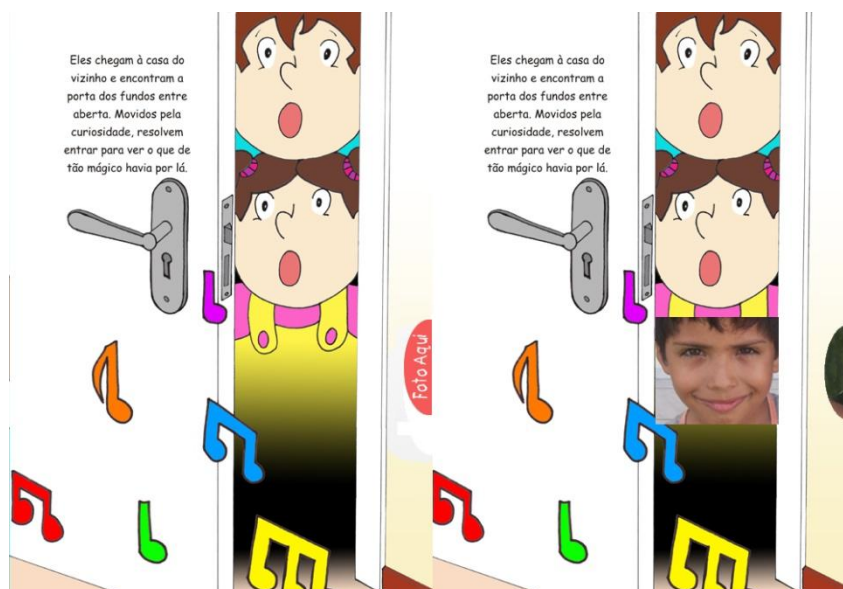


Figura 31 – Detalhe da interação com a foto do leitor

Fonte: Autor (2010)

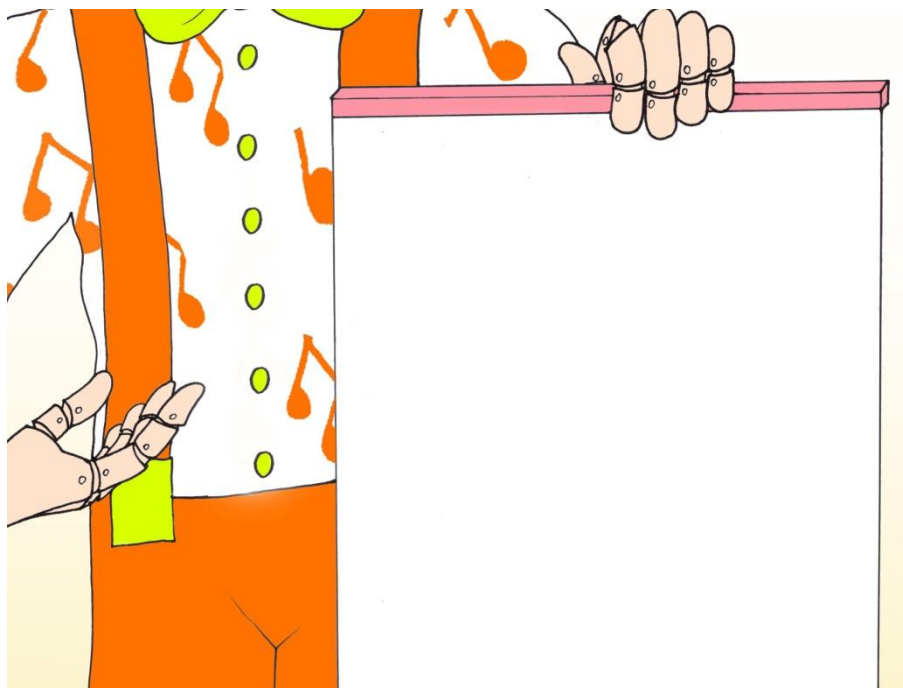


Figura 32 – **Detalhe diário dos sons**

Fonte: Autor (2010)

Pertencemos a era digital, portanto incluímos complementos do livro no meio digital. Idealizamos a criação de um site no qual as crianças tenham acesso através de uma senha, disponibilizada na edição impressa. No site, o leitor encontrará disponível conteúdo diferente ao da versão impressa, pois nossa idéia principal é estimular a leitura e a interação com mídias impressas. Disponibilizaremos no site atividades extras relacionadas à história da edição, como por exemplo, desenhos para colorir, mais exemplos de confecção de instrumentos musicais com material reciclado, músicas e jogos que estimulem o entendimento do tema abordado. Desta forma, acreditamos que a criança sentir-se-á convidada a fazer parte do maravilhoso mundo da música sutilmente, respeitando seus interesses, desenvolvendo um apreço especial por esta arte tão importante para o desenvolvimento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vemos, ao longo da história, as crianças foram pouco a pouco ganhando seu espaço na sociedade. Na antiguidade, as crianças, não eram consideradas e nem respeitadas. O mercado crescentemente vem adaptando-se a essas pessoas com muita necessidade de absorção de informações. O segmento da literatura infantil tem apresentado crescimento e com intuito de sanar essa busca incansável pelo conhecimento, as crianças ganham novas oportunidades. Ouvindo e depois contando, elas estimulam a capacidade inventiva, vivenciando com a linguagem oral, ampliando vocabulário, entonações expressivas, articulações... Em resumo, a musicalidade da fala.

A música é outro segmento que vai dando atenção especial para os pequenos. Ela tem grande importância para o desenvolvimento infantil, pois auxilia na percepção, estimula a memória e a inteligência, relacionando-se com habilidades linguísticas e, lógico, matemáticas, que ajudam a criança a se reconhecer e a se orientar melhor no mundo.

Para melhorar o conhecimento das necessidades infantis, realizamos questionários com crianças, os quais continham perguntas visando conhecer a relação infantil com os livros e o que elas gostariam que esses livros contemplassem. A idéia de constatar a importância dos livros e da música no universo infantil, bem como, o que lhes interessa e motiva e também seus desgostos, contribuíram na base do nosso objeto de estudo. Não podemos esquecer que elas não compram os livros, mas sim seus pais e responsáveis, o que os torna nosso outro público alvo. Com referência aos pais e responsáveis, é importante sabermos o que os motiva a dar livros a seus filhos, o que acham importante para as crianças, assim poderemos ter idéia da importância que eles dão para o tema proposto.

Nos questionários verificamos que o público infantil têm grande interesse por livros, sendo que adoram ouvir histórias e se identificam com as ilustrações e personagens. As crianças se mostram interessadas em interagir com o livro, uma vez que é unanimidade o gosto por manusear livros. Por outro lado, vemos que o maior destaque de interesse são para os jogos, sons, desenhos e pinturas, reafirmando o interesse pela interação nos livros. Podemos notar também que a música ocupa papel importante na vida das crianças, já que a maior parte delas manifesta apreço por esta arte. A música desperta alguns interesses e ações, que variam da dança e canto até uma simples experiência de escuta musical. A empolgação das crianças questionadas mostrou-se evidente quando mencionamos o tema.

Considerando o questionário dos pais, podemos observar um aparente interesse deles nos livros. Vale destacar que a maior parte dos livros que as crianças possuem são frutos de uma pré-seleção feita pelos pais. Sendo assim, podemos afirmar que indiretamente são os pais que escolhem os livros dos filhos. As temáticas mais procuradas por eles são diversão e estímulos. A compra dos livros é baseada no interesse da criança e no conteúdo, só fazendo-os desistir da aquisição se o livro tiver alto custo, de acordo com as finanças de cada família. Em relação à música, os pais demonstraram, aparentemente, menor interesse do que seus filhos. A maior parte dos pais entrevistados considera a música importante no desenvolvimento infantil, mas não julgam essencial. Em contra partida, a maioria deles é a favor da obrigatoriedade da música no currículo escolar, uma vez que seus filhos possam saciar o interesse na música no meio acadêmico.

Conhecermos o mercado ao qual pretendemos abranger é fundamental para o bom desenvolvimento e sucesso do nosso projeto. O mercado de musicalização infantil é recente, porém comprometido com o desenvolvimento e necessidades do seu público alvo. Tivemos a oportunidade de conversar com professoras que trabalham especialmente com a iniciação musical infantil. Educadoras destacam a importância em respeitar a idade e o interesse da criança. Relatam que nem sempre as crianças estão preparadas para aprender a utilizar um instrumento musical e, muitas vezes, a escolha desse instrumento é feita pelos pais. A criança não tem conhecimento dos sons, se gosta mais de cordas, percussão, sopros... Essa experiência pode não ser agradável criando traumas que possivelmente vão afastar as crianças da música. Uma das professoras cita seu exemplo. “Quando era pequena, minha mãe queria que eu estudasse piano, mas a professora não tinha didática para trabalhar com crianças então em toda aula eu chorava e tinha vontade de quebrar o piano.” O objetivo da iniciação musical baseia-se em conhecer a música para depois estudá-la, pois ninguém gosta daquilo que lhe é estranho. Esses diálogos foram de grande valia e permitiram-nos abordar no livro assuntos que têm base na aula de iniciação musical.

A musicalização infantil encontra um mercado debilitado de material. Podemos constatar que os livros encontrados que envolvam essa temática são desenvolvidos para crianças de até cinco anos. Após essa etapa, temos apenas revistas que “ensinam” a tocar um instrumento específico, recomendadas para crianças com idade superior a dez anos. Existem livros, embora difíceis de encontrar, que tratam do tema iniciação musical infantil, mas são destinados a professores de música, nada diretamente para as crianças e pais, afirmam as professoras.

Em nosso estudo, tínhamos que desenvolver um livro promotor de interação com a criança, como os softwares o fazem, levando o leitor para dentro da história como personagem, fazendo-o se sentir parte do livro. No desenvolvimento, porém, não poderíamos esquecer de considerarmos toda a pesquisa feita a respeito do tema e do público alvo, visando a comunhão entre eles. Os objetivos das crianças impactaram fortemente na construção do livro, pois a ideia era tornar o aprendizado divertido e espontâneo sendo a música auxiliar no desenvolvimento cognitivo da criança. Consideramos também que a criança sempre busca formas diferentes para sua diversão, devemos provar que o livro desempenha uma ótima maneira de encontrar divertimento. Foram agregados ao livro várias formas de prender a atenção do leitor, sendo necessário renovar o interesse da criança pela história a cada página. Além de todas essas interações, o livro proporciona também uma tentativa de aproximação com o mundo adulto. O relacionamento da criança com os pais pode passar por melhorias significativamente positivas, já que, a história proporciona interação da criança com o livro e dos pais com a criança. Nosso produto proporciona aos pais o conhecimento da importância que a música tem no desenvolvimento das crianças e os permite maior interesse na educação dos filhos e na compra de futuros projetos.

A fim de abrangermos interações com a tecnologia e os avanços no meio digital, acreditamos que disponibilizar o livro em versão integralmente digital acabaria tirando o real sentido do produto. Então apontamos para a ideia do website que complemente o livro com mais atividades e brincadeiras referente ao tema abordado na versão impressa.

Ao nos depararmos com um livro infantil, muitas vezes não creditamos a ele o real valor, por ser um livro para crianças. Criamos pensamentos que subestimam a capacidade do público alvo e avaliamos as obras como se tratassem de um monte de desenhos com uma história simples, sem muito atrativo. Porém ao fazermos tal análise, não temos ideia de como são elaborados esses livros. Conversando com uma autora de livros infantis, tivemos o conhecimento que o tempo médio de criação de um livro infantil varia de seis meses a um ano. Levamos em consideração que a autora tem essa atividade como profissão, e muita experiência nesse ramo. O primeiro obstáculo encontrado consiste na relação tempo/criação do trabalho, comparando a pouca experiência do autor na área. A criação da história, por mais simples que se torne no final, exige muito cuidado para que não abordemos assuntos inadequados e falas não coerentes com a faixa etária a ser atingida. Ainda temos que nos preocupar com a relação entre as páginas, para que façam sentido em um contexto geral. Se as ilustrações parecem apenas desenhos do que conta a história, é porque não há um

conhecimento para julgar a ilustração. Existem inúmeros cuidados a serem tomados durante a construção da ilustração da página, que envolvem dificuldades que variam da simples posição até as expressões dos personagens. Tudo tem que estar em perfeita harmonia, senão o resultado não atinge o grau de satisfação. Temos também o problema da falta de equipamento necessário para ilustrações digitais, o que nos colocou em um processo mais demorado. Dificuldades quanto ao material a ser utilizado, como por exemplo, a placa eletrônica que produziria sons em uma determinada parte da história, não nos permitiram a confecção do exemplar. Não confeccionamos a placa em virtude do mercado exigir um número mínimo muito alto para o desenvolvimento do projeto.

Por fim, acreditamos ter alcançado de forma satisfatória, dentro das possibilidades e restrições, o objetivo do projeto. Acreditamos que o trabalho contribuirá para o melhor entendimento da música no universo infantil e dar pistas de como a ela deva ser apresentada a essas pessoas que tem na sua essência a vontade de aprender sempre mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo, SP: Scipione, 2005. 174p.

AMBROSE, Gavin e HARRIS, Paul. **Impressão e acabamento**. Tradução Edson Furmankiewicz – Porto Alegre: Bookman, 2009. 176p.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1978. P. 196.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo, SP: Melhoramentos, 1994.

BANN, David. **Novo manual de produção gráfica**. Tradução Edson Furmankiewicz – Porto Alegre: Bookman, 2010. 224p.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. Título original: Elements of typographic style. Tradução André Stolarski. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 432p.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. 2ª Ed. São Paulo, SP: Peirópolis, 2003. p. 211.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. Coleção primeiros passos. 6ª Ed. São Paulo, SP: brasiliense, 1994. p. 89.

CARVALHO, Patrícia Alves. **Re-tocando a aprendizagem na educação de infância: a música como linguagem**. 2005. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2005.

CONNARE, Vicent. História da fonte comics sans. disponível em: <<http://www.connare.com/whycomic.htm>> acessado em: 20 de outubro de 2010.

COSTA, Cynthia; BERNARDINO, Juliana. **Músicas em todas as escolas.**

Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/musica-escolas-432857.shtml>> acesso em: 25 abr. 2010.

DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa.** Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-Portugues%20palavra> acesso em: 28 mai. 2010.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas:** princípios e práticas da lenda dos quadrinhos. Tradução Leandro Luigi Del Manto. 2ª Ed. São Paulo: Devir, 2008.

FONTEERRADA, Marisa Trech de Oliveira. **Música e o meio ambiente:** a ecologia sonora. São Paulo, SP: Irmãos Vitale, 2004.

GLOSSÁRIO DE TERMOS E EXPRESSÕES MÚSICAIS. In: Dicionário de música.

Disponível em: <<http://www.meloteca.com/dicionario-musica.htm>> acesso em: 28 mai. 2010.

HOWARD, Walter. **Música e a criança.** [tradução de Norberto Abreu e Silva Neto]. São Paulo: Summus, 1984. p.121.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira:** história e histórias. 6ª Ed. São Paulo, SP: Ática, 1999. P. 190.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. **Diferenciações e integrações:** o conhecimento novo na composição musical infantil. 2005. 279f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança e a música: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança.** Porto Alegre, RS - Rio de Janeiro, RJ: Globo, 1982. p.153.

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança no mundo da música: uma metodologia para educação musical de crianças.** Porto Alegre, RS: Rígel, 2003. P.168.

MOUKACHAR, Merie Bitar. **Representações da infância em jogos, brinquedos e brincadeiras**. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2004.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem as coisas**. [tradução José Manuel de Vasconcelos]. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

VILELA, Cassiana Zamith. **Motivação para aprender música: o valor atribuído a aula de música no currículo escolar e em diferentes contextos**. 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

PECKER, Paula Cavagni. **As condutas musicais das crianças entre dois e cinco anos: trabalhando com os modos do sistema tonal**. 2009. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009

Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, **MENSAGEM Nº 622, DE 18 DE AGOSTO DE 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm> acesso em: 25 abr. 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2009. 288p.

RODRIGUES, Márcia Cristina Pires. **Pedagogia da música: experiências de apreciação musical**. Organizada por Ester Beyer e Patrícia Kebach. Porto Alegre: Mediação, 2009. 157p.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa**. Vol. 7 São Paulo: Summus, 1985.

STIFFT, Kelly. **Pedagogia da música: experiências de apreciação musical**. Organizada por Ester Beyer e Patrícia Kebach. Porto Alegre: Mediação, 2009. 157p.

SUGAHARA, Leila Yuri. **Música na escola: um estudo a partir da psicogenética walloniana**. 2008. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2008.

THIOLLENT, Michel; DESROCHE, Henri. **Pesquisa-ação e projetos cooperativo na perspectiva de Henri Desroche**. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2006. 240 p.

GLOSSÁRIO

Cadencia - Sucessão de acordes que indicam a terminação final ou acidental da Harmonia.

Canto orfeônico - Canto proveniente do Deus Orfeu, da mitologia grega que consiste na utilização da voz, principalmente, para o encantamento dos animais.

Compasso - divisão métrica de um texto musical, em que há uma regularidade de tempos fortes e fracos.

Composição harmônica – composição musical com base na harmonia.

Dinâmica - conjunto de variações na intensidade de uma peça musical, crescendo ou diminuindo.

Escala - série de sons que serve de base a uma composição musical e que dá a uma peça o seu estilo de música ligeira, cigana, chinesa ou jazz, por exemplo.

Harmonia - ciência dos acordes com a sua sonoridade global e encadeamentos.

Intensidade - qualidade do som que se prende com a energia utilizada pelo executante e a amplitude da vibração sonora, com sons mais fortes ou mais fracos.

Intervalo - distância entre duas notas musicais no que se refere à altura.

Melodia - sucessão mais ou menos cantável de notas de altura diferente.

Metalofone – instrumento musical com várias lâminas de metal dispostas cromaticamente.

Oitava - grau número 8 da escala; som resultante de multiplicar por dois a frequência de um som (oitava ascendente) ou de reduzi-la para metade (oitava descendente).

Percussão - efeito de percutir; produção de sons e de música através de batimento ou entrechoque.

Ritmo - componente fundamental da música, tem a ver com a organização dos sons e dos silêncios e respectiva duração.

Tom - intervalo de segunda maior. A palavra pode significar também tonalidade.

Xilofone - instrumento musical com várias lâminas de madeira dispostas cromaticamente.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO INFANTIL

1. Idade:

3anos 4 anos 5 anos 6 anos

2. Gosta de ouvir histórias?

muito pouco não gosta

3. Gosta de manusear livros?

sim não

4. O que você mais gosta nos livros?

ilustrações histórias personagens todos

5. O que você não gosta nos livros?

ilustrações histórias personagens todos

6. O que você gostaria que os livros tivessem?

brinquedo sons jogos desenhos para colorir outros

7. Você gosta de música?

muito um pouco não gosta

8. O que você gosta de fazer quando ouve uma música?

cantar dançar ouvir brincar

ANEXO B - QUESTIONÁRIO DOS PAIS

1. Idade do filho?

3anos 4 anos 5 anos 6 anos

2. Você compra livros para seus filhos?

sim não

3. O que você procura nos livros para seu filho?

diversão estímulos histórias conhecimento

4. O que faz você comprar um livro para seu filho?

conteúdo ilustração valor interesse da criança todos

5. O que faz você desistir de comprar um livro?

conteúdo ilustração valor nada

6. Você deixa seu filho escolher o livro de sua preferência?

sim proponho alternativas não

7. Como você considera a música para o desenvolvimento da criança?

essencial importante regular pouco importante não importa

8. Você é a favor da obrigatoriedade da música no currículo escolar?

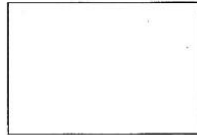
sim indiferente não

ANEXO C – TABELA DE FORMATOS

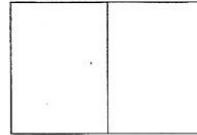


APROVEITAMENTO RACIONAL DE PAPEL

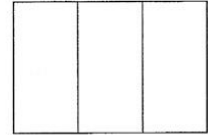
FORMATO
96 X 66



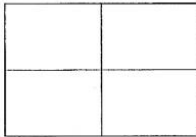
FORMATO 1 - 96 X 66



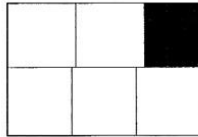
FORMATO 2 - 48 X 66



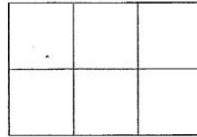
FORMATO 3 - 32 X 66



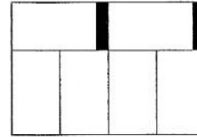
FORMATO 4 - 48 X 33



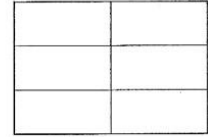
FORMATO 5 - 32 X 34



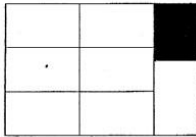
FORMATO 6 - 32 X 33



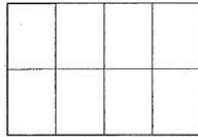
FORMATO 6 - 24 X 42



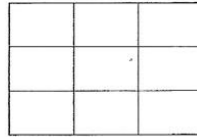
FORMATO 6 - 48 X 22



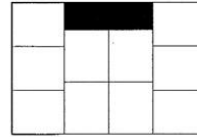
FORMATO 7 - 37 X 22



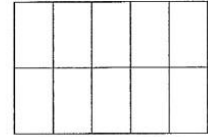
FORMATO 8 - 24 X 33



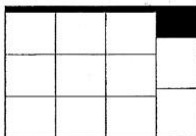
FORMATO 9 - 32 X 22



FORMATO 10 - 26 X 22



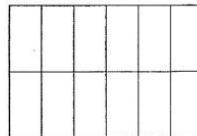
FORMATO 10 - 19,2 X 33



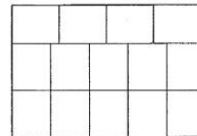
FORMATO 11 - 25 X 21



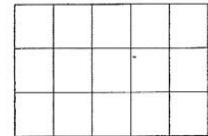
FORMATO 12 - 24 X 22



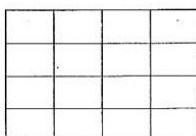
FORMATO 12 - 16 X 33



FORMATO 14 - 19,2 X 23,4



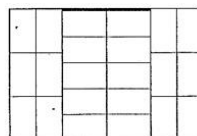
FORMATO 15 - 19,2 X 22



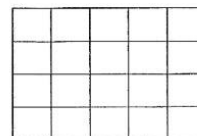
FORMATO 16 - 24 X 16,5



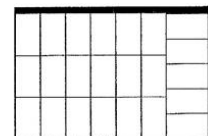
FORMATO 18 - 16 X 22



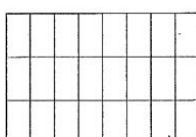
FORMATO 22 - 13 X 22



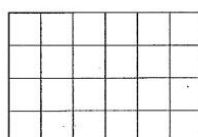
FORMATO 20 - 19,2 X 16,5



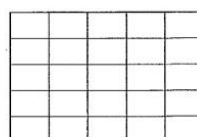
FORMATO 23 - 12,5 X 21



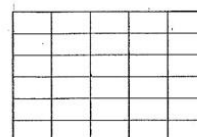
FORMATO 24 - 12 X 22



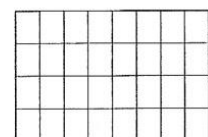
FORMATO 24 - 16 X 16,5



FORMATO 25 - 19,2 X 13,2



FORMATO 30 - 19,2 X 11



FORMATO 32 - 12 X 16,5

ANEXO D – GUIA DE REFERÊNCIAS VISUAIS

DESCOBRINDO A MÚSICA

Guia de Referências Visuais

Temporalidade

Quando se passa a história: Nos dias atuais, lembrando que as crianças de hoje são mais curiosas e tem autonomia para buscarem o que querem, sanando suas dúvidas.

Período de passagem da história: Presente.

Duração da história: uma tarde.

Background

Plano de fundo: Casas amplas, belos jardins e gramados, cercas de madeira com um metro aproximado de altura, dando uma idéia de vizinhança tranqüila, bem organizada, uma vida em harmonia.

Cenário: aproximadamente duas casas, em uma delas moram os personagens um e dois e na outra mora o personagens três. Ambientes claros e alegres.

Peças das casas: o quarto das crianças terá decoração neutra, ou seja, tapetes, cortinas, tintura das paredes e armários que não beneficiem meninos ou meninas. A mobília é constituída por duas camas, uma com colcha de menino e a outra uma colcha de menina. Existe uma escrivaninha em frete as camas, ao lado da ampla janela que da acesso a casa do vizinho.

A sala do Senhor é ampla com janelas grandes de vidros quadriculados, a porta de acesso a sala é por intermédio do jardim dos fundos. As paredes são brancas e nelas encontramos quadros com temática musical.

Na entrada temos um belo sofá branco com uma manta preta cobrindo parte do sofá. Ao lado dele temos uma mesa de canto que sustenta uma vitrola impecável. Atrás do sofá encontra-se alguns instrumentos de percussão, como bumbo, caixa, surdo, alinhados a parede da direita. Alinhados a parede da esquerda alguns instrumentos de sopro, como sax, trompete, trombone e flautas. No fundo encontramos um belo piano de calda. Ao seu lado um rabeção escorão na parede.

Personagens

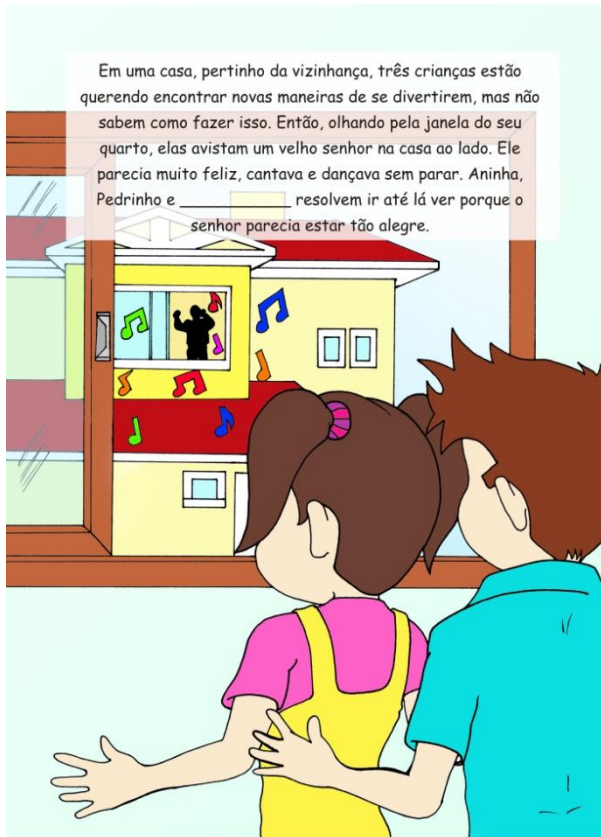
Pedrinho – Ele deve ter características de um menino de mais ou menos sete anos de idade. Gosta de jogar vídeo game, e jogar bola no quintal. Seus cabelos são castanhos, olhos também castanhos e deve usar roupas que identifiquem a idade, como bermuda azul, tênis all star vermelho e camisa polo.

Aninha - Ela deve ter características de uma menina de mais ou menos sete anos de idade. Gosta de brincar com suas bonecas e andar de balanço no parque. Seus cabelos são castanhos claros e usa duas chiquinhas, uma de cada lado. Seus olhos são castanhos. Sua vestimenta é condizente com sua idade. Ela usa uma jardineira amarela, camiseta rosa, meias listradas rosa e lilás e um sapatinho preto.

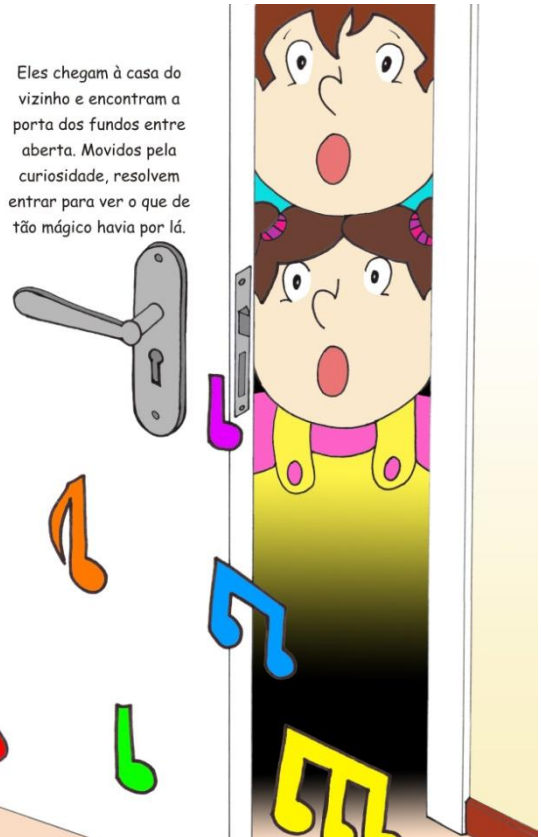
Maestro Orlando – É um senhor de uns setenta anos. Ele é um maestro aposentado, que ama música. Sua casa é um playground para que gosta de fazer música. Ele é um homem elegante, magro, bem educado e alegre. Veste-se com camisa social branca, calça social preta e sapatos bem polidos. Seu cabelo é branco, penteado para trás. Tem olhos castanhos e usa óculos redondos.

Musilino - É um boneco de ventríloquo. É um grande amante de música e conhece muito desse tema por intermédio do Maestro. Ele teve origem, para ensinar música para crianças. Tem semblante simpático, cabelos Claros e um pouco comprido, penteados para trás. Veste calça laranja com um suspensório laranja, camisa branca com estampa de notas musicais laranja. Seu sapato é acinzentado e bem polido.

ANEXO E – PÁGINAS DO LIVRO



Eles chegam à casa do vizinho e encontram a porta dos fundos entre aberta. Movidos pela curiosidade, resolvem entrar para ver o que de tão mágico havia por lá.



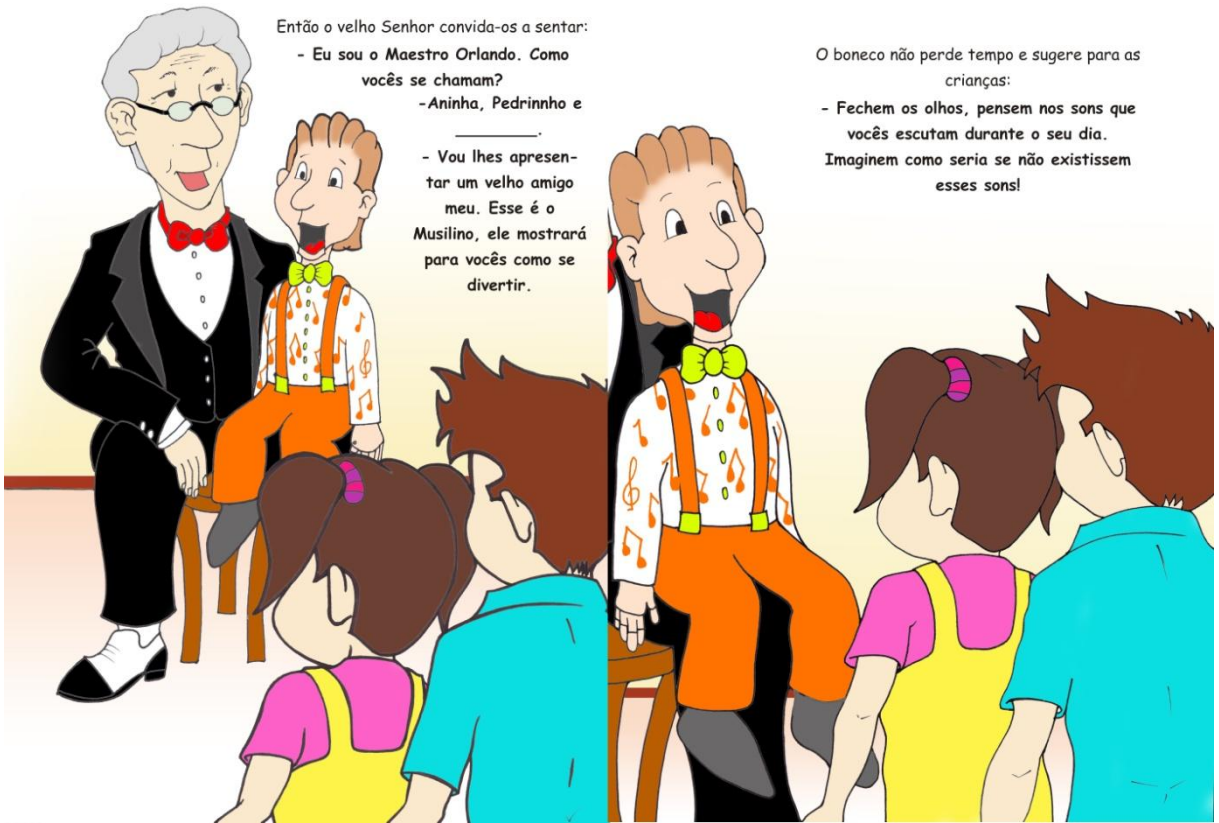
Aninha, Pedrinho e _____ começam a brincar com os instrumentos, quando de repente o velho Senhor, aparece perguntando:

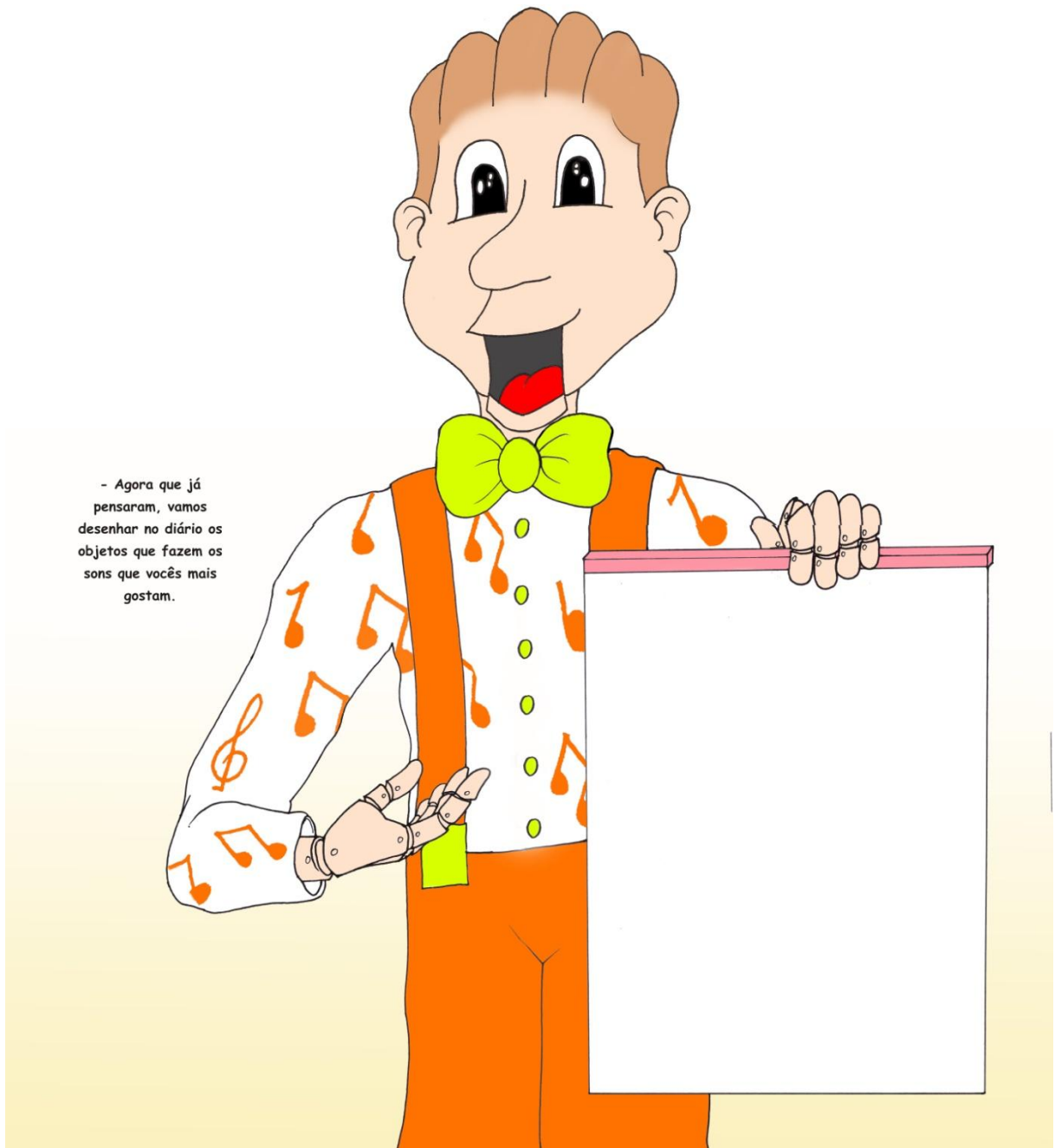
- O que vocês querem aqui?

Imediatamente as crianças respondem.

- Nós só queremos nos divertir como o senhor, porque em nossa casa não tem nada divertido para fazer!







- Ei crianças, vamos fazer instrumentos musicais?

É o seguinte, logo abaixo, teremos dois papéis com os passos para construirmos um chocalho e uma flauta.

Mas, não esqueçam, devemos sempre pedir ajuda para um adulto.

- Nossa, como é divertido fazer esses instrumentos. Mal posso esperar para brincar com eles e poder montar uma banda com meus amiguinhos.



FLAUTA D'ÁGUA

Materiais

- 30 cm de cano fino de PVC
- fita-crepe
- 1 Balão

Como fazer

- 1- Encaixe o bico da bexiga inteiro na ponta do cano e grude com fita-crepe.
- 2- Coloque um pouco de água dentro da bexiga.

Como tocar

Encha a bexiga de água. Depois, assopre a parte aberta do cano, buscando a embocadura ideal, e toque uma nota de cada vez.

Dica: puxe a bexiga enquanto toca para conseguir notas diferentes.

CHOCALHO

Materiais

- 1 latinha de refrigerante
- pedrinhas
- fita adesiva

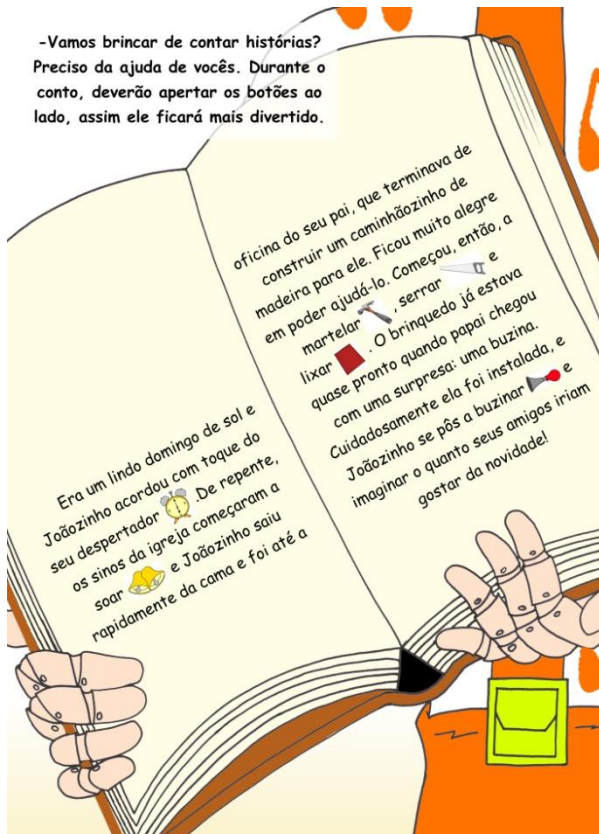
Como fazer

- 1- Lave a latinha de refrigerante.
- 2- Pelo furo, coloque muitas pedrinhas pequenas, até preencher cerca de 1/3 da latinha.
- 3- Tape o furo com a fita adesiva.

Como tocar

Balance o chocalho no ritmo da música.

-Vamos brincar de contar histórias? Preciso da ajuda de vocês. Durante o conto, deverão apertar os botões ao lado, assim ele ficará mais divertido.



oficina do seu pai, que terminava de construir um caminhãozinho de madeira para ele. Ficou muito alegre em poder ajudá-lo. Começou, então, a martelar e serrar e lixar . O brinquedo já estava quase pronto quando papai chegou com uma surpresa: uma buzina. Cuidadosamente ela foi instalada, e Joãozinho se pôs a buzinar e imaginar o quanto seus amigos iriam gostar da novidade!

Era um lindo domingo de sol e Joãozinho acordou com o toque do seu despertador . De repente, os sinos da igreja começaram a soar e Joãozinho saiu rapidamente da cama e foi até a

Então, Aninha, Pedrinho e _____, cheios de histórias para contar, voltaram para casa com novas maneiras de se divertir, fazendo música com objetos que tinham. Mas não demorará muito para essa brincadeira entre amigos voltar.

